

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ARTES

Mestrado em Artes

**OLHAR PARA O CORPO QUE DANÇA: UM SENTIDO PARA
A PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA VISUAL**

VALÉRIA MARIA CHAVES DE FIGUEIREDO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Artes do Instituto de Artes da UNICAMP como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria da Consolação Gomes Cunha FernandesTavares.

Este exemplar é a redação final da tese

defendida por VALÉRIA MARIA

CHAVES DE FIGUEIREDO

e aprovada pela Comissão Julgadora em

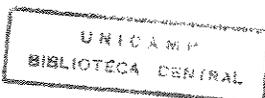
05 / 06 / 1997

M. Tavares

PROFA. DRA. MARIA DA C. G. C. F.

TAVARES - PRESIDENTE

Campinas - 1997



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
F4690	
V. Ex.	
TOMPO BT/	31325
PROC.	281197
C <input type="checkbox"/>	D <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	12/08/97
N.º CPD	

CM-00099694-5

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

F4690

Figueiredo, Valéria Maria Chaves de
"Olhar para o corpo que dança : um sentido para a
pessoa portadora de deficiência visual " / Valéria Maria
Chaves de Figueiredo. -- Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador: Maria da Consolação Gomes Cunha
Fernandes Tavares.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual
de Campinas. Instituto de Artes.

1. Dança. 2. Deficiência visual. I. Tavares, Maria da
Consolação Gomes Cunha Fernandes. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

COMISSÃO JULGADORA:

Profª. Drª. Maria da Consolação Gomes Cunha FernandesTavares
(Orientadora)

Profª. Drª. Silvana Venâncio
(Titular - Faculdade de Educação Física - UNICAMP)

Profª. Drª. Marília Antonieta Oswald de Andrade
(Titular - Instituto de Artes - UNICAMP)

Prof. Dr. Júlio Romero
(Suplente - Universidade Metodista de Piracicaba)

Prof. Dr. José Júlio de Almeida Gavião
(Suplente - Faculdade de Educação Física - UNICAMP)

COMISSÃO JULGADORA:

Dedico este trabalho aos meus pais
Maria de Lourdes e José Urbano,
com todo o meu amor.

Agradecimentos

O que me deixa feliz é poder oferecer sempre um sorriso para aqueles que passaram por nós e marcaram nosso caminho das mais diversas maneiras.

Deixo aqui registrados meus sinceros agradecimentos e, com um sorriso largo no coração, penso no quanto foi importante a ajuda de todos para cumprirmos mais uma etapa na vida.

Agradeço com todo carinho:

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes Tavares, toda minha admiração por sua competência, disponibilidade e sabedoria que tanto aprendi;

À Prof^a. Dr^a. Silvana Venâncio, por todos os ensinamentos e conversas maravilhosas;

Aos professores do grupo de estudos sobre Atividades Motoras Adaptadas da Faculdade de Educação Física (FEF) - Unicamp: Prof. Dr. Edison Duarte, Prof. Dr. José Júlio Gavião, Prof. José Luiz Rodrigues, Prof^a. Ana Isabel Figueiredo, Prof. Dr. Paulo Araújo Ferreira e Prof. Dr. Júlio Romero, por todas as oportunidades oferecidas e pelo grande aprendizado de vida;

Aos professores do Instituto de Artes da Unicamp, por tudo que juntos aprendemos e crescemos;

Ao Instituto Gabriel Porto - UNICAMP, pela oportunidade de crescermos com a pesquisa;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por acreditar e possibilitar esta pesquisa;

Ao grupo de estudos sobre Fenomenologia da FEF-UNICAMP, onde aprendemos um outro olhar para o corpo;

Aos funcionários do Instituto de Artes e da Faculdade de Educação Física da Unicamp, pela ajuda do dia-a-dia;

Aos alunos participantes do projeto "Atividades físicas e esportes para pessoas portadoras de deficiências", oferecido pelo departamento de atividade motora adaptada da faculdade de Educação Física da Unicamp, pela confiança mútua e enorme troca de experiências;

Aos sujeitos desta pesquisa que se dispuseram a participar;

Às Prof^{as}. Marli Nabeiro, Mari Gândara e Carina Starkl, que abriram as portas de suas aulas para encontrarmos com os sujeitos;

À Arabel Issa Vieira, pela amizade também compartilhada no trabalho;

Aos meus amigos de longe e aos meus amigos de perto, pelo companheirismo e pelas alegrias de sempre;

Ao Christian e à Yvone, pela ajuda e dedicação em digitar o trabalho;

À minha família que, mesmo estando longe, sempre foi a força para seguir em frente.

Resumo

Neste trabalho, estivemos buscando a compreensão do significado da Dança para pessoas portadoras de deficiência visual, na perspectiva de uma abordagem fenomenológica. Coletamos os discursos de 13 (treze) sujeitos, que experimentam a vivência da Dança no presente momento de suas vidas. Não nos preocupamos com estilos predeterminados de Dança, mas sim com a vivência e o olhar do sujeito para com a sua experiência na Dança. A partir dos discursos coletados, orientados por nossa interrogação: "*O que é isto, vivenciar a Dança para você?*", trilhamos nossos entendimentos e reflexões em busca de compreender o significado do corpo que dança com os próprios olhares. Olhamos para o corpo que dança com outros sentidos e sentido por pessoas que são portadoras de deficiência visual. Assim, coerente com os fundamentos da pesquisa fenomenológica, buscamos encontrar uma perspectiva particular, em um dado momento; olhamos para o fenômeno situado buscando aprofundar-nos na essência deste universo em questão.

Abstract

A study was carried out to investigate the understanding of the significance of Dance for visually handicapped persons, using a phenomenological approach. We collected the discourses of 13 (thirteen) subjects, all of them being involved in a Dance experience at the time of the study. Our concern was not about pre-determined dance-styles, but about the real-life-experience and the point-of-view of the subjects about their dance experience. The question to be answered by the subjects was: "*What does it mean for you to experience dance?*", and it was based on the collected discourses that we traced our understanding and reflections, aiming to understand the significance of the body that dances, with our own eyes. We approached the dancing body with other senses, body felt by visually handicapped persons. Therefore, according to the rationale of the phenomenological research, we aimed to find a particular perspective, at a certain moment; we looked at the situated phenomenon, trying to enter the essence of this unique universe.

Sumário

I - Introdução	11
II - Situando a Deficiência Visual e a Dança.....	18
III - Nossa Trajetória com a Metodologia	30
IV - O Fenômeno.....	34
V. O Método Proposto.....	35
5.1 A nossa questão	39
5.2 O encontro com os sujeitos	40
5.3 A coleta dos dados	42
5.4 A trajetória seguinte.....	42
5.4.1 A Descrição.....	43
5.4.2 A Redução	44
5.4.3 A compreensão (ou interpretação).....	44
VI - Análise dos Sujeitos	46
VII - Conversando sobre os Resultados.....	102
7.1 Então, por que dançamos?.....	103
7.2 E no meio do caminho, pensamos... como dançar?	111
7.3 O que dançar? Um passo a frente e tudo se modifica.....	113
VIII - Conclusão.....	117
IX - ANEXOS.....	119
9.1 Gráfico de Convergências das Unidades de Significado	120
9.2 Fita Vídeo	121
X - Bibliografia.....	122

"O que em mim sente, está pensando."

Fernando Pessoa

I - Introdução

Pensamos ser interessante iniciar esta introdução retrocedendo brevemente em nossa vida profissional bem como aos nossos primeiros encontros com a Dança e com a pessoa portadora de deficiência visual. A oportunidade de trabalhar com esta clientela veio enriquecer bastante nossa trajetória com a Dança; os momentos experienciados por nós deixaram marcas e memórias corporais, que hoje se pronunciam registradas neste trabalho.

Em nossa formação, a dança se fez presente desde muito cedo, convivendo com nosso universo diversos estilos, entre eles: a Dança Clássica, o Jazz, a Dança Moderna, a Capoeira e a Dança Contemporânea¹.

Neste mosaico, os estilos não apenas se juntaram como experiências somadas ou como partes estanques, mas neste contexto, aprendemos a perceber e a conhecer melhor o nosso corpo. Através desta diversidade e das contradições que se apresentaram nestas diferenças, visualizamos perspectivas mais complexas e uma gama de possibilidades para com o nosso corpo. Digamos que a biodiversidade corporal, que nos trouxe experiências ricas, projetando um

¹ Dança Contemporânea na perspectiva da Escola de formação de bailarinos contemporâneos "Espaço Novo". Dir.: Angel Vianna. Vivenciamos diversas técnicas corporais, como: Feldenkrais, Técnica de Alexander, Eutonia, Estudos sobre Rudolf Von Laban, todas estas são técnicas de conhecimento corporal, de reeducação corporal, de estudo sobre o movimento, onde as possibilidades respeitam os limites corporais de cada pessoa.

aprendizado mais humano e com maior respeito em relação ao nosso próprio universo corporal, nosso corpo-próprio² e sua existência³.

Neste espectro, sentimos que o nosso corpo era mais que imaginávamos ser, e passamos acreditar que a Dança seria capaz de redimensionar todo um sistema de "ser" e de "estar" no mundo.

As disciplinas rígidas da Dança clássica, as propostas de modelos e padrões corporais, as repetições e as cópias diante do espelho das salas de aula, as nossas angústias pelas performances idealizadas não deixaram de ser uma significativa experiência para nós, pois foi desta forma que buscamos redimensionar a nossa realidade corporal. Pelo menos assim tentamos.

A dança clássica imprime no corpo determinados códigos e para nós professores e dançarinos os percebemos nos nossos corpos e nos corpos dos alunos, seja por uma atitude corporal, um passo, um gesto ou um andar, enfim, os reconhecemos pela linguagem não-verbal do corpo, pelo código corporal, como um símbolo. Estes códigos também se apresentam em outras danças, como na dança moderna, por exemplo, que tem características fortes de identificação, como: a força, uma contração, a queda, o uso do chão, etc. Tentar transformar estes códigos fortes e impostos, ou melhor, tentar redimensioná-los no próprio corpo, nos fez buscar na Dança contemporânea uma fonte expressiva, uma nova forma de conceber o corpo, o corpo que dança e a própria Dança.

Defrontamo-nos assim, em 1989, com a Prof^a. Angel Vianna e sua escola de formação em Dança Contemporânea no Rio de Janeiro. Ali, durante três anos,

² Merleau-Ponty in Guedes (1995:85) aponta que o corpo-próprio significa o que possuímos, o que é nosso meio de comunicação com o mundo, onde apreendemos os sentidos, desenvolvemos relações com o outro e nos confundimos com o mundo.

³ Guedes (1995:88) explica que, no decorrer da existência, o corpo-próprio age e se apropria. Traduz a sua experiência vivida e apreendida do mundo. Para Merleau-Ponty in Guedes (1995:88) significa aquilo que se vivencia do mundo, que pode ser codificado e representado.

aprendemos a aprender realmente o que era viver nosso corpo. Nesta época, ainda não conhecíamos a fenomenologia, mas talvez intuitivamente já nos encontrássemos em busca de um fenômeno: o corpo que somos.

Naquele momento, pudemos vivenciar práticas corporais que buscavam um universo mais subjetivo e global de conhecimento do corpo, universo com novas e diferenciadas possibilidades. Experimentamos então: a expressão corporal, a consciência corporal, a Eutonia, Morshe Feldenkrais, técnica de Alexander e mesmo a dança clássica, a dança moderna, as danças brasileiras. Todas estas práticas tinham a proposta primeira de se respeitar, sempre, os limites corporais de cada pessoa e, desta forma, tentar despertar ações mais críticas e criativas em relação ao nosso espaço corporal.

Dispusemo-nos a buscar a natureza dos movimentos, trabalhamos ao encontro de reflexões práticas e teóricas. Translocamos de dentro para fora e de fora para dentro, nos discursos corporais de cada um, ora relacionando, ora individualizando nossas vivências.

Decorridos vários anos de formação em Dança, posteriormente em Educação Física e de atuação profissional como dançarina, professora e coreógrafa, chegamos ao mestrado com o propósito de buscar novos encontros e de deixar parte de nós registrada como experiência vivida.

Nosso primeiro encontro, em 1993, foi com o Prof. Dr. Edison Duarte, através de uma disciplina em Educação Física Adaptada oferecida na FEF-UNICAMP. Através dele, ingressamos como monitora no projeto "Atividade Física e Esportes para pessoas portadoras de deficiências", oferecido pelo departamento de Atividade

Motora Adaptada, também da FEF-UNICAMP⁴. Esta oportunidade nos fez reencontrar perspectivas que tínhamos a respeito de propostas mais interdisciplinares em relação ao trabalho corporal, e para nós também em relação à Dança. Começamos a trilhar diferenciados caminhos para as perspectivas e respostas que tentávamos encontrar no corpo.

Durante este primeiro ano de muitas novidades, de muitas surpresas, estivemos particularmente acompanhando a turma de alunos portadores de deficiência visual junto ao projeto anteriormente citado. Observamos e registramos em diário de campo todo o contexto das aulas do Prof. Dr. José Júlio Gavião, que gentilmente possibilitou a nossa participação no seu grupo.

À luz desta experiência, começamos a aprender a cultura⁵ deste grupo tão desconhecido até o presente momento para nós. Sua movimentação, a linguagem corporal, a descoberta dos outros sentidos, a relação professor-aluno, a vida diária, a sua independência, etc.; foi a partir destas indagações que começamos a refletir e a nos mover em busca de conhecer mais sobre este grupo. Neste caminho, nos defrontamos com uma questão que bruscamente nos intrigou: viver o movimento sem o sentido da visão, a prática de atividades motoras sem a referência dos espelhos, das imitações e das cópias. Como dançarina, um confronto, um embate que não havia ainda chegado. Começamos a nos perguntar como seria conquistar o espaço sem a referência da visão. Como dançar sem ver a sala, o palco, o público? Como aprender a dançar sem enxergar o professor, os colegas e a "si mesmo"?

⁴ Fazem parte do grupo de estudos sobre Atividade Motora Adaptada: Prof. Dr. Edison Duarte, Prof. Dr. José Júlio Gavião, Prof. Dr. Júlio Romero, Prof. José Luiz Rodrigues, Prof^a. Ana Isabel de Figueiredo, Prof. Paulo Ferreira Araújo e Prof^a. Dr^a. Maria da Consolação Cunha Tavares. Todos os professores foram imensamente acolhedores para com nosso trabalho.

⁵ Cultura, segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda (1989), é o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e outros valores transmitidos coletivamente, e típico de uma sociedade.

Nós, com as experiências codificadas pela visão e com o mundo cheio de referências visuais, através também da Dança, nos encontramos com este universo, cheio de outros sentidos.

Muitas perguntas emergiam juntamente com a identificação deste grupo em contato. Através do nosso entusiasmo em desvendar um fenômeno que se apresentava aos nossos olhares, percebemos que a Dança tinha um rico campo para se desenvolver, um rico potencial a ser aprendido e redimensionado com possibilidades diferenciadas.

Este trabalho surgiu no momento em que a Dança, para nós, redescobria outros universos, onde o presente rediscutiu os antigos modelos, onde as preocupações com os limites das pessoas se defrontaram com as imposições tradicionais, onde a vida moderna imprimiu o seu ritmo e a Dança desvendou, relatou e criticou as questões contemporâneas.

Na mesma ordem de pensamento, cada vez mais descobrimos o ser humano enquanto um ser potencialmente criativo, segundo Ostrower (1987), "*a criatividade é um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades.*" Pensamos que a dança ainda é vista como área privilegiada do fazer humano, onde a sua amplitude alcança status pela virtuosidade do potencial corporal, mas onde estaria o potencial criativo de cada pessoa? Criar e viver não seriam processos interativos?

Recobrimos nossas questões de possibilidades e de redimensionamentos dos fragmentos, em busca de um sentido maior de totalidade. Neste caminho, a fenomenologia veio enriquecer e dar o suporte necessário para a nossa pesquisa.

Assim, nos defrontamos com o grupo de estudos sobre fenomenologia⁶ e juntos discutimos, criamos e aprendemos a olhar, a olhar para a fenomenologia.

E, finalmente, chegamos ao fenômeno a ser desvelado por nós. O significado da dança para pessoas portadoras de deficiência visual. Lançamos nossos olhares para o corpo que dança e não enxerga, para este corpo que vê não com os olhos, mas com outros olhares.

A pergunta que orienta os nossos caminhos é: *O que é isto, vivenciar a dança para você?* Vivenciar, segundo o dicionário brasileiro de Língua portuguesa significa: o fato de viver; existência, experiência de vida; o que se viveu. Então, buscamos desvendar o significado desta experiência de vida com a dança, experiência de existência, do que se viveu com o corpo naquele momento. Olhamos para este fenômeno com o coração aberto a encontrar parte dos mistérios que ansiávamos buscar.

⁶ Por intermediário da Prof^a. Dr^a. Silvana Venâncio, chegamos ao grupo de estudos sobre fenomenologia realizado na Faculdade de Educação Física da Unicamp, sob a coordenação do Prof. Dr. Wagner Wey Moreira e da Prof^a. Dr^a. Silvana Venâncio.

"O olhar deseja sempre mais do que lhe é dado a ver."

Adanto Novaes

II - Situando a Deficiência Visual e a Dança

Tentar compreender um pouco do universo deste trabalho se faz necessário em nosso entender. Diante do fenômeno estudado, pensamos estar enriquecendo a compreensão e então incitando reflexões que se desprendessem deste texto.

Quando nós começamos a estudar sobre a deficiência visual, defrontamos com a complexidade do problema e com a enorme carência que envolve esta área em vários aspectos. Desta forma, nos foi urgente deixar registradas nossas reflexões a respeito da deficiência visual, da dança e onde estes universos se encontram e/ou divergem.

Existe uma estimativa feita pela ONU¹ retratando que, em cada dez pessoas, pelo menos uma possui algum tipo de deficiência. De acordo com a Corde² (1992), a OMS³ estima uma proporção de 10% da população brasileira, como sendo composta por pessoas portadoras de deficiência. Para a deficiência visual, estima-se aproximadamente entre 0,5% e 1,0% desta população. Este mesmo documento levanta que cerca de 25% da população mundial está diretamente envolvida com as questões sobre a deficiência, entre eles, profissionais da área e os familiares.

¹ Organização das Nações Unidas.

² Coordenadoria Nacional para Integração da pessoa portadora de deficiência.

³ Organização Mundial de Saúde

Estes dados nos chamam a atenção para os significativos números constatados e como este segmento da sociedade ainda é comumente marginalizado e segregado enquanto cidadão carente de oportunidades e recursos.

De acordo com Bieler (1990), até os anos 70, as questões sobre a deficiência no Brasil eram sustentadas pelo paternalismo, assistencialismo e tutela. Os responsáveis designavam representações deste grupo, sem se levar em conta suas próprias reivindicações. Segundo a mesma autora, somente em 1988 foi promulgada a nova Constituição Brasileira, substituindo o paternalismo por oportunidades igualitárias e a tutela pela plena cidadania.

Porém, ainda hoje, existem vários tipos de sentimentos em relação à pessoa portadora de deficiência visual⁴. Melo (1988) levanta algumas situações clichês, como, por exemplo, costuma-se pensar que pessoas portadoras de deficiências visuais são músicos extraordinários, que possuem um aguçado sexto sentido ou são vistas como "ceguinhos" que pedem esmola na rua, vítimas da rejeição e da incapacidade. Este tipo de visão nos leva a uma total incompreensão do que seja a complexidade do "problema". Apenas o simplifica e oculta a face que não se mostra aos nossos olhos: ambigüamente, vemos o que desejamos ver.

Dentre os diversos estigmas⁵ existentes, a impossibilidade de se utilizar o sentido da visão para se movimentar também traz e carrega consigo o sentimento e o estigma desta "incapacidade", pois o nosso mundo é recheado das informações visuais e nelas nos referenciamos para nos movimentar.

⁴ Estaremos, neste trabalho, utilizando a expressão deficiência visual no sentido de abranger pessoas portadoras de deficiência visual parcial e deficiência visual total (cegos).

⁵ Estigma, de acordo com Goffman (1980), é um tipo de atributo, de estereótipo, onde o indivíduo esta "inabilitado" para atuação plena na sociedade.

"Assim, um escritor cego descreve a consternação que causou numa barbearia do hotel; (...) no que se refere a dança: 'As pessoas pareciam um pouco chocadas em ouvir-me. Eu tinha passado uma tarde no chá dançante no Savoy Plaza. Eles não podiam explicar por que se sentiam assim e quando eu disse que havia adorado e que tencionava repeti-lo na primeira oportunidade, pareceu piorar as coisas. Era algo que um homem cego não deveria fazer. A situação tinha o saber genérico da falta do respeito devido a um período de luto.'" (Chevigny, Goffman, 1980, p. 131)

Foi a partir destas indignações que o silêncio se rompeu, criando angústias e buscas incansáveis, a fim de desestabilizar nossos sentidos, em todos os sentidos. Ver e não ver, eis a questão; ditamos nossas experiências como seres visíveis e "capazes" de conceber além dos olhos, respirando os sentidos, voltando a perceber as texturas da vida.

Os sentidos significam a compreensão nossa do mundo, sem eles não há maneira de percebê-lo. Eles definem os limites de nossas experiências no mundo. A visão representa a sensibilidade mais utilizada para nossas referências e relações. As pessoas portadoras de deficiência visual estão privadas desta sensibilidade, parcial ou totalmente, experimentam referências diferenciadas do mundo. Bosi, in Moraes (1988) destaca que os psicólogos da percepção afirmam que a maioria das informações que o homem moderno recebe lhe vem pelas imagens. Ackerman (1990) revela que nós não mais caçamos, porém nossos olhos continuam monopolizando os nossos sentidos e que 70% dos sentidos do corpo humano estão localizados nos olhos. Desta forma, somos seres predominantemente visuais, tentando não ser inconformados com as limitações; somos sim, desestimulados a ver o mundo com os outros sentidos.

"Os sentidos não esclarecem a vida em atos gritantes ou sutis, dividem a realidade em fatias vibrantes, juntando-as de modo a formar um padrão significativo. Captam amostras eventuais. Permitem que uma sugestão decifre um todo. Escolhem e estabelecem uma versão razoável, executando pequenas e delicadas transações."
(Ackerman, 1992, p. 17)

O sentido da visão é a referência básica para o movimento. Segundo Bobath (1978), a visão é o sentido que mais nos oferece informações, sendo um fator dominante em nossas reações motoras. Garcia de la Torre (1968) aponta que um homem privado da visão haverá que recorrer ao exercício de outros sentidos para defender a própria existência.

Hall (1981) ressalta ser a visão a responsável pela maioria das informações por nós recebidas, sobretudo nos primeiros anos da vida, já que o nosso mundo é visualmente objetivo. Este mesmo autor ainda ressalta que a ausência da visão, tanto quanto a ausência da audição, limita a capacidade de aprender.

Hugonnier (1989) diz que a criança cega estará ameaçada por grave retardamento psicomotor. Ela deverá ser favorecida com cuidados em se tratando do conhecimento do seu ambiente, suprimindo a falta da visão pelas sensações táteis e auditivas, olfativas e gustativas, assim como cuidadosa atenção em relação ao seu sistema vestibular, cinestésico e térmico. Nabeiro (1992) retrata comprometimentos típicos conseqüentes da falta da visão: defasagem do desenvolvimento motor, locomoção insegura, pouco controle e consciência corporal, desvios posturais, expressão pobre, inatividade e movimentos estereotipados. Quando nós nascemos, começamos a aprender a ver, como relata Sacks (1995), ao abriremos os olhos, criamos um mundo visível de início, um mundo de objetos, de conceitos e de sentidos visuais. Desta forma que construímos nossas experiências, nós somos os "olhadores" da vida.

A época de instalação do déficit sensorial é um fator muito importante na formação e na elaboração do engrama mental, que se traduzirá no conteúdo apreendido, sentido e compreendido pelos movimentos e suas relações com o mundo. A pessoa poderá ter perda total ou parcial da visão, sendo que sua deficiência poderá ser de caráter *congenito*⁶ ou *adquirido*⁷. Com a perda congênita, não ocorrerá formação de imagens que ficariam engramadas na memória. De acordo com Hugonnier (1989), a criança desenvolve sua acuidade visual⁸ progressivamente até os 5 anos. Portanto, a perda anterior a esta faixa etária implicará a falta total de referências visuais na memória. Nos que são portadores adquiridos, as imagens estarão presentes independentemente da perda posterior. Estas diferenças transparecem nas experiências vividas pelas pessoas, pois a carga de imagens, recebidas ou não, formam o mundo próprio de cada pessoa.

A atividade corporal é de fundamental importância para nós; o que colocamos em jogo são nossas experiências corporais com o mundo, a maneira como o percebemos e como nos desabrochamos diante dele. Para a pessoa portadora de deficiência visual, estas vivências não seriam diferentes e sim diferenciadas, cada experiência vivida enriquecerá sua linguagem pessoal e relacional.

A Dança existe enquanto expressão intrínseca do homem. Através dos tempos, observamos mudanças nas suas relações com a natureza, com a sociedade e com o próprio indivíduo; porém, a condição básica de sua existência é ser uma maneira de expressão e comunicação que utiliza o corpo como linguagem fundamental, como linguagem primeira.

⁶ Congênito - deficiência visual (parcial ou total) adquirida antes dos 5/6 anos de idade.

⁷ Adquirido - deficiência visual (parcial ou total) adquirida depois dos 5/6 anos de idade.

⁸ Acuidade visual é o discernimento das imagens, o grau de intensidade com que vemos as coisas.

"A própria palavra 'dança', em todas as línguas européias – danza, dance, tanz –, deriva da raiz 'tan' que, em sânscrito, significa 'tensão'. Dançar é vivenciar e exprimir, com o máximo de intensidade, a relação do homem com a natureza, com a sociedade, com o futuro e com seus deuses." (Roger Garaudy, 1980, p. 14)

Portinari (1989) relata ser a Dança a mais antiga das Artes e o homem carrega-a dentro de si desde tempos imemoriais. Foi através dos ritos, do seu significado mítico, que os grupos celebraram suas crenças; segundo Boucier (1987), durante a pré-história, a Dança foi considerada um ato sagrado. Nesta época encontraram nela a forma de expressar suas identidades. A civilização grega também é impregnada de Dança. Foi abordada por Platão, Sócrates e pelos Pitagóricos como meio de formação do cidadão integral e eterna fonte de saúde. Essa época é refletida por um ideal de corpo, onde o corpo é concebido como fonte de se alcançar beleza, harmonia e perfeição.

Durante a idade média cristã, a Dança se transformou em divertimento e neste contexto evoluiu a Dança espetáculo que o mundo ocidental conhece. Portinari (1989) diz ser nesta época que a vida pública conheceu a interferência preponderante do cristianismo, em todos os setores. A autoridade eclesiástica impôs seus dogmas, mas a igreja não conseguiu apagar os costumes populares, favorecendo uma dúbia relação de tolerância e condenação em relação à Dança. Em seus cultos tentou canalizá-la, porém trazendo-a sob um invólucro de dominação até finalmente encerrá-la.

A Dança da Corte surgiu na Itália, durante o século XIV. Boucier (1987) a descreve como cerimoniais da Corte, que representam o entretenimento da aristocracia. A Dança da Corte muito bem retrata o período histórico vivido pela

sociedade na época; a moda, a música, as artes plásticas, a dança... revelam os hábitos e valores desta parte de nossa história.

O Renascimento, séc. XV, marca a fase onde se inicia a codificação da Dança Clássica. Portinari (1989) aponta este período como um florescimento nas Artes, uma revolução no pensamento e na Estética. Pronunciam-se a ostentação e o conforto. Os Músicos, os pintores, os escultores são disputados pela requintada nobreza. A mesma autora define a Revolução Francesa, final do século XVIII, como um marco na transição da Dança-divertimento para uma Dança mais teatral. No romantismo o reinado é da Valsa, contemporânea a Goethe e a Strauss. Este movimento da razão à imaginação, que supera o lugar da razão. Esta fase se finda com a entrada do século XX, onde se inicia o momento de uma busca de autenticidade do movimento.

A Dança Moderna nasce em meio a uma sociedade industrializada, advinda da Revolução Industrial, e se apresenta determinada a romper com modelos e padrões estabelecidos pelos conceitos mecanicistas vigentes na indústria. Garaudy (1980) reflete que a Dança Moderna somente é aferida por uma visão "sistemática", que a situe na estrutura global e dinâmica da sociedade e que pergunte o papel que representa na criação de uma harmonia entre homem, natureza e sociedade.

A importância do surgimento da Dança Moderna está intimamente ligada a uma real revolução estética e formal, significa uma ruptura das formas acadêmicas e clássicas, dos códigos estabelecidos; não se propõe a uma desvalorização da Dança Clássica. Esta, entendida no contexto que emergiu, justifica bem tanto a sociedade que espelhou como os valores e conceitos que adquiriu; mas a Dança moderna perspectiva desestruturar-se dos padrões e modelos vigentes, criando novos códigos para o corpo, como, por exemplo: Isadora Duncan, com sua busca

pela liberdade de movimentos, ou Rudolf von Laban, com a sua almejada ciência do movimento, deixando muitas pesquisas a respeito.

A sociedade moderna é marcada pelo modelo da "produtividade". A crença vitoriana e o pensamento higienista que dominaram o século XIX são rompidos pelas Artes Modernas, que imprimem novos impulsos às estruturas vigentes. A Dança Moderna renega a concepção romântica contemplativa e deleitativa, ilustrando um novo período dialético. Coloca em questão postulados estéticos, se pronuncia não como evasão de uma sociedade, mas procura enfrentar o caos, recriando uma nova ordem, este é um paradigma que nos influencia ainda hoje.

Os últimos movimentos deste século reencontram novamente a dança com o teatro, permitindo então assimilar novos meios dramáticos e recursos cênicos da contemporaneidade.

Pina Bausch, por exemplo, da Ópera de Wuppertal, utiliza elementos teatrais, com críticas fortes sociais e sobre a condição humana. Uma dança visceral, reflexa de minimalismo e da economia do gesto. Já Merce Cunningham reforça a nascente do movimento puro, da construção temporal e espacial, de uma natureza abstrata que desenha no espaço a pureza dos movimentos, o movimento pelo movimento. Diferentes formas e propostas de se entender e conceber a Dança. A Dança continua trilhando seu caminho na vida das pessoas. A década de 70 nos trouxe algo de especial, que foi um crescimento nas técnicas chamadas de consciência corporal e expressão corporal, então a Dança passou a ser experimentada por pessoas que não representavam o modelo idealizado para bailarinos.

"... e que se desperte o desejo permanente de investigação perante a Dança e a Arte que, para mim, se confundem com a vida..." (Klauss Vianna, 1990, p. 9)

Desta forma, que hoje recuperamos o cidadão que dança, no qual a restrição está apenas na vontade da própria pessoa em fazê-lo; o importante é também se descobrir a cidadania na Dança, a cidadania do corpo que dança.

O homem continua dançando, de uma maneira ou de outra, constrói sua vida na expressão de seus movimentos. As pessoas hoje, talvez mais que nunca, privilegiam-se o intelecto como parte fundamental e principal de suas atividades. Evidente que sabemos de todo comando cerebral, que nossa estrutura básica é o cérebro, porém não existiriam ações, pensamentos, sensações, visões, se não fosse nosso corpo. Como seria possível expressar qualquer desenho sem as mãos que os sentem?

"A idéia de corpo não pode conter apenas as sabedorias da anatomia, da fisiologia ou da bioquímica. O corpo é o ponto de referência em relação ao qual cada coisa toma seu lugar e torna-se situada. Neste "situ" (lugar), é o eu-corpo que dá sentido às coisas." (Venâncio, 1994, p. 130)

Desta forma que começamos a repensar na Dança seus dogmas e estigmas; as experiências vividas por nós, pela imposição de códigos fortes e estabelecidos nela, nos trouxeram a querer olhar para o nosso corpo que dança, com uma perspectiva diferente, com maiores possibilidades, respeitando mais nossos limites, nos encontrando mais e com maior liberdade para criar e viver o corpo. Neste contexto, defrontamos as questões das pessoas portadoras de deficiência visual com a Dança.

A partir dos anos 50 deste século, com a criação da bengala de Hoover, o indivíduo portador de deficiência visual passou ser mais respeitado, no sentido de que esta lhe possibilitou maior independência, facilitando-lhe ter uma locomoção mais independente. Este fato influenciou diretamente no seu acesso ao mundo, ganhando assim um lugar mais expressivo em todos os setores da sua vida.

O movimento é a forma de relação do homem com o mundo, mas cada movimento somente terá significado se estiver em harmonia com a experiência pessoal de quem o realiza.

A pessoa portadora de deficiência visual experimenta vivências corporais diferenciadas, principalmente através da Dança, que mantém seu referencial nas imagens, nos espelhos, nas imitações e repetições. As referências por nós tiradas do mundo das imagens nos oferecem parâmetros significativos na maneira pela qual o compreendemos. Nossos modelos e padrões são em grande parte estabelecidos a partir de uma realidade visual. Na Dança, as imagens nos possibilitam estabelecer relações inúmeras de maneira tridimensional, ou seja, o significado das coisas possui relação abstrata a partir do seu referencial. As pessoas portadoras de deficiência visual se relacionam com a bidimensionalidade dos fatos, expressam por seus outros sentidos a sua incorporação do mundo.

A sua relação com o tempo e com o espaço é diferente, as pessoas deficientes visuais vivem num tempo só. Segundo Sacks (1995), elas constroem seu mundo a partir de seqüências de impressões (táteis, auditivas, olfativas), não vêem o espaço, portanto, a idéia de espaço torna-se incompreensível. É o que revela um cego citado por John Hill, Sacks (1995, p. 138):

"Este sentido de estar num lugar é menos pronunciado (...) O espaço é reduzido ao seu próprio corpo, e a posição deste é conhecida não pelos objetos que passaram por ele, mas pelo tempo que esteve em movimento (...) As pessoas estão em movimento, são temporais, vêem e vão. Aparecem do nada; desaparecem."

Consideramos alguns trabalhos específicos na área de Dança, trazendo enriquecimento aos nossos olhares. Levantamos as reflexões feitas por Duggar (1968), revelando que as crianças adoram explorar os movimentos. A idéia de fazer

desenhos no espaço com o corpo pode abrir um excitante novo mundo para as crianças cegas. Morrisson (1971) relatou a experiência de aprendizado da Dança Rock and Roll por jovens cegos na comunidade de Seattle, apresentando como uma rica vivência, que teve resultados devido a possibilidade de integração do jovem cego em seu contexto sócio-cultural, como também uma ótima oportunidade de aceitação e entendimento do deficiente visual como participante da sociedade em geral. Gândara (1992) destacou a importância do trabalho com Dança, ritmo e música com crianças portadores de deficiência visual, sendo que estas experiências influem diretamente nas combinações dos seus movimentos diários, facilitando sua auto-expressão, comunicação dos sentimentos, sua independência e locomoção.

Que corpo é este que dança? Como sente? O que sente? Qual a sua experiência deste momento? O que dança? Poderíamos nos inundar de perguntas, e nos inundamos em verdade; mas, em questão, tratamos de tentar saborear o que é o corpo para nós, o corpo que dança.

"O corpo é o primeiro momento da experiência humana. O sujeito, antes de ser um ser⁹ que conhece, é um ser que vive e sente, que é a maneira de participar, pelo corpo, do conjunto da realidade." (Venâncio, 1994, p. 40)

A Dança tem sua própria expressão na vida dos homens, é intrínseca a ela. Para a pessoa portadora de deficiência visual é uma condição óbvia, condição talvez diferente para alguns, seja na sua forma de expressar e interpretar os movimentos ou de compreendê-la no contexto de suas vivências. Mas são suas experiências. Para nós, não nos basta reconhecer este grupo como sendo parte de uma cultura. É preciso que sejam abertos canais de comunicações para trocas de

⁹ Ser - "é antes de tudo uma entidade que já-está-no-mundo e isso torna a situação ser e mundo uma totalidade. (Venâncio, 1994:40)

experiências e integrações, que reflitam ações mais críticas e criativas, de crescimento mútuo, mas que se respeite sempre, acima de tudo, o ser humano.

"Cada corpo dispõe de um jeito de olhar que lhe é próprio e essa particularidade condiciona também sua visibilidade como corpo diferente dos outros." (Leyla Perrone-Moisés, 1988, p. 327)

Dentro das diversidades que encontramos as equivalências; respeitando as diferenças que encontramos a liberdade, liberdade para se expressar, sem votos de condenção ou pieguices. Lutamos pela vida, pela paixão e o desejo de ser diferente e igual ao mesmo tempo, a todo instante.

Entretanto, há tantos corpos;

como há corpos!

E há tantas possibilidades;

como há possibilidades!

(Claudia Maria Guedes)

III - Nossa Trajetória com a Metodologia

A deficiência é um fenômeno complexo e os números constatados pelos órgãos de pesquisa revelam que 10% da população mundial é portadora de algum tipo de deficiência¹, identificando assim, um "problema" que estatisticamente é bastante representativo perante a sociedade. Ao nosso entender, mais do que estes dados representam, os reais "problemas" a serem revelados estão juntos as próprias vidas das pessoas portadoras de deficiência. O que dizemos e sentimos a respeito, talvez não seja suficientemente verdadeiro, frente ao que a própria pessoa sente, como se sente em sociedade, consigo ou o que a própria sociedade faz e se adapta a respeito.

O fenômeno estudado neste trabalho não foi mensurado, pois a abordagem fenomenológica não se preocupa com a mensuração dos dados e sim com a essência dos fenômenos. Ao nosso entender, mergulhar no universo do corpo da pessoa portadora de deficiência visual, tentando olhar para o significado de experiências vivenciadas com a prática da dança deste corpo, veio levantar questões, para nós sérias, que talvez escapem de visões mais tradicionalistas de se fazer pesquisa.

¹ Dados fornecidos pela OMS (Organização Mundial de Saúde).

Quando começamos a trabalhar com indivíduos portadores de deficiência visual, percebemos que a deficiência estava mais em nós, que não sabíamos como lidar com estes alunos e a quem tamanha estranheza causou o fato. Perceber a vida independente e tão cheia de outros sentidos, nos abriu um mundo recheado de sabores, que não estavam incorporados em nós; como uma cegueira circunstancial, nos demos conta de um total desconhecimento frente à problemática da deficiência.

Desta forma, adentramos no universo da pessoa portadora de deficiência visual, nos colocamos como espectadoras atentas, deixando-nos inundar pelas reflexões e sentidos dos olhares que vêem diferente dos que vêem pelos olhos. Jamais poderíamos realmente sentir aquele universo diferenciado, pois é um universo vivido pelo outro, mas poderíamos tentar buscar o nosso olhar frente aquele corpo, através dos discursos dos próprios sujeitos, aqueles que vivem o seu próprio corpo.

Com o passar do tempo, nossa experiência nesta área foi-se fortificando e revelando mistérios que são tão infinitos, porém sempre mais misteriosos e mais infinitos. Neste prisma, a dança começou a nos apresentar circunstâncias muito particulares das pessoas, e nossa experiência se enriqueceu com a vontade e o prazer de estarmos juntos, dançando, nos conhecendo, nos tocando. Apesar da discriminação e da falta de oportunidades encontradas pelas pessoas que são portadoras de deficiência, neste caso a visual, nos percebemos, por momentos, desnudando aquela cegueira circunstancial, a qual envolve a problemática da deficiência.

Todas estas indagações nos levaram a olhar o significado da Dança para a pessoa portadora de deficiência visual. Tentar compreender a vivência desta prática, desta arte, pelo corpo do indivíduo cego, através de seus próprios

discursos, nos trouxe a perspectiva que acreditamos ser mais próxima de uma experiência humana e sensível.

"Compreender o corpo somente é possível, a partir das suas experiências vivenciadas nas relações, que são estabelecidas com os outros, com o mundo e com as coisas. A complexidade do existir humano se plenifica na sua forma simbólica de ser significado e significante e ao mesmo tempo, de dar significação para as coisas do mundo, a partir da sua capacidade de percebê-lo, antes mesmo de qualquer pensamento determinante." (Guedes, 1995, p. 89)

A abordagem fenomenológica veio totalmente ao encontro a estas pulsões, nossos "problemas" continuaram infinitos, mas parte de nosso olhar para aquele momento ficou aqui registrada.

Poder compreender este fenômeno qualitativamente nos deu abertura para adentrar na essência da natureza deste mundo. Com a abordagem fenomenológica partimos em busca de uma totalidade, que se manifestou finita, apenas nesta pesquisa, porém infinita para tantos outros olhares que pensamos pelo menos estar tentando incitar.

Ao falarmos do corpo é preciso que reencontremos, a luz das ciências humanas, o mundo sensorial, onde o real são as propriedades dos sentidos, dos mistérios, do subjetivo do corpo:

"a ciência volta as costas ao mundo dos sentidos, o mundo das paixões e desejos, o mundo que vemos e percebemos. O mundo sensorial é ilusório; real seria o mundo das propriedades matemáticas que só podem ser descobertas pelo intelecto e que estão em contradição total com o mundo dos sentidos." (Levi-Strauss, Novaes, 1988, p. 9)

Desta forma, na perspectiva fenomenológica, percorremos o universo do sensível, onde o olhar não o ignora e não cessa de buscar, onde a visão extrapola o

apenas ver. Nosso corpo é a fonte de sentimentos, de pensamentos e de ações. Corpo que sente, pensa e age, somos nós.

A seguir, um breve entendimento do método proposto, bem como de nossa relação com ele, com os sujeitos da pesquisa e de como trilhamos nossos caminhos em busca de nosso olhar.

IV - O Fenômeno

Desvendar o significado da Dança para pessoas portadoras de deficiência visual.

V - O Método Proposto

A partir do século XX, novas perspectivas em relação às ciências humanas tomaram caminhos diferenciados e abriram novo espectro de possibilidades para a pesquisa científica. As questões humanas solicitaram um maior entrosamento em relação as suas condições no mundo; apenas os fatos passaram a não mais responder à relação do homem com o ambiente, com a natureza, com o outro. Enfim, foi necessário e emergente o surgimento de uma ciência que interagisse diferenciadamente com o pensamento filosófico.

"A visão do homem no mundo da ciência, na segunda metade do séc. XIX, foi determinada pela ciência positiva, cega à sua própria prosperidade. Isso significa um afastamento das questões que são decisivas para a humanidade. A ciência concentrada no fato construiu homens fatuais. A mudança na opinião pública era inevitável, especialmente após a II guerra mundial. Sabemos que essa opinião se tornou gradualmente hostil entre os jovens da nova geração, para quem a ciência fatural nada tem a dizer aos homens. Essa ciência exclui, em princípio, as questões referentes ao homem e a sua existência." (Martins e Bicudo, 1989, p. 17)

Em nosso entender, vemos que o positivismo, na época que surgiu, respondia muito bem às decisões consideradas decisivas para a humanidade, porém não deixou de imprimir nas ciências seu ceticismo, utilitarismo, "o ver para se controlar".

O que percebemos são dimensões diferenciadas em relação ao que seja fazer uma pesquisa científica; assim, o positivismo concebeu a ciência se baseando em pressuposições, em fatos e predizendo os desconhecidos dados. Segundo Martins e Bicudo (1989), o significado do conhecimento para o positivismo é definido como "*aquilo que as ciências fazem*".

A fenomenologia, desde de seus primórdios, apareceu como tentativa de resolver um problema, problema que desvelasse a crise entre as ciências do homem e as outras ciências. Desta forma, o aparecimento do pensamento fenomenológico veio enriquecer uma lacuna, a qual abordaria as ciências humanas à luz de outros contextos e, sobretudo, no séc. XX, a fenomenologia vem reorganizar e tentar cooperar junto ao pensamento entre a filosofia e as ciências humanas.

"É necessário mostrar que a ciência é possível, que é possível a ciência do homem e que todavia a Filosofia é possível. É preciso, principalmente, fazer cessar a divergência entre filosofia sistemática e saber progressivo ou ciência." (Merleau-Ponty, 1973, p. 16)

Quase um século após os pensamentos de Husserl, considerado o fundador da fenomenologia no sentido moderno, segundo Merleau-Ponty (1973), se discutem ainda questões do que seja a fenomenologia.

Na visão de Merleau-Ponty (1994), a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, se resumem em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a

partir de sua "facticidade"¹. Na deficiência existe a sua facticidade, a própria deficiência o é. A fenomenologia vem dar suporte ao discurso do sujeito, para que suas vontades, anseios e desejos sejam verdadeiros e ouvidos da própria fonte, assim que se revela uma tentativa de buscar a compreensão da essência de um fenômeno.

A fenomenologia é uma filosofia transcendente, que coloca o fenômeno em suspenso para compreendê-lo, em afirmações de atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. O fenômeno, segundo Martins e Bicudo (1989), vem da expressão grega "faino-menon" e deriva-se do verbo "fainestai" que quer dizer "mostrar-se a si mesmo". Assim, "fainomenon" significa aquilo que se mostra, que se manifesta. Desta maneira, o enfoque fenomenológico busca uma compreensão dos fenômenos atendo-se particularmente ao que se pretende desvelar, o foco centrado ao fenômeno que se manifesta na sua essência.

Ao se realizar uma pesquisa em fenomenologia, a atenção do pesquisador junto ao fenômeno contribuirá na sua relação com a pesquisa, as suas experiências junto ao mundo e aos outros se entrelaçarão ao presente e ao passado. Podemos e devemos eleger e nos relacionarmos com nossa intuitividade e habilidade de pesquisador.

¹ O prof. MARTINS (1992:51) elucida o termo da "facticidade" para fenomenologia; segundo ele, é uma maneira de ser-no-mundo, sujeito às contingências como um ser que é lançado ao mundo, mundo que o precede e alcança, no qual o homem, ao ver-se como tal, precisa lutar para encontrar-se.

"O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na interseção de minhas experiências, e na interseção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam uma unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha." (Merleau-Ponty, 1994, p. 18).

A fenomenologia enquanto ferramenta é uma atitude, uma atitude fenomenológica. A partir do momento que o fenômeno se revela aos nossos olhos, imbuídos da instrumentalização necessária e pertinente, nos colocamos **"intuitivamente"** e **"habilidosamente"** a favor do fenômeno na perspectiva de nosso olhar.

Todo fenômeno é oculto, para habitá-lo faz-se necessário clarear o horizonte que não está apreendido: o conteúdo dos seus conhecimentos. O que atribuímos ao fenômeno não nos interessa, mas quando ele se apresenta nos importa, assim o percebemos e interpretamos ao nosso olhar. A partir dos sujeitos que lançamos a função de olhar e a partir deles atribuímos os significados das coisas.

Existe uma parte da ciência que busca a verdade; a fenomenologia busca a essência e o verdadeiro daquele fenômeno, relativos ao significado dado por aqueles sujeitos, naquele dado momento. Este é o mistério, a possibilidade de intuir que busca uma transformação.

À luz desta perspectiva, o nosso olhar para o fenômeno em questão foi buscar compreender o significado da Dança para a pessoa portadora de deficiência visual, um enfoque fenomenológico na modalidade de pesquisa: *Análise da Estrutura do Fenômeno Situado*.

O suporte fenomenológico se aplica a pesquisa qualitativa, a fim de se chegar ao instrumento de investigação citado, uma abordagem intencional e

consciente de quem vivencia o fenômeno.

"A pesquisa qualitativa, segundo esta abordagem, precisa de início, situar o fenômeno. Isso quer dizer que só há fenômeno psicológico enquanto houver um sujeito no qual ele se situa... Há sempre um sujeito, uma situação, vivenciando o fenômeno. Por vivência é entendido, também, experiência, mas é a experiência percebida de modo consciente por aquele que a executa..."

Possui características, construtivas, como tempo em que se realiza, impressões, duração, está sempre sendo dirigida para alguma coisa, nunca é estática, há sempre uma relação entre o fenômeno que se mostra e o sujeito que experiencia. A consequência dessa experiência é sempre intencional." (Martins e Bicudo, 1989, p. 75)

5.1 A nossa questão

Ao se realizar uma pesquisa com perspectiva fenomenológica, segundo esta modalidade de investigação: — *Análise da Estrutura do Fenômeno Situado*, há que se ter cuidados com algumas particularidades.

Fazer uma pesquisa orientada pela fenomenologia, segundo Martins e Bicudo (1989), significa **reavivar** o fenômeno ou tornar vivo o espírito; **tematizar** ou dissertar sobre o assunto é **compreender eideticamente**² ou tornar o objeto a ser compreendido na sua intenção total.

O pesquisador se interessa pela natureza do que vai investigar, de tal modo que não se coloca diante ao fenômeno com a prioris, teorias explicativas e qualquer definição a respeito. Move-se cuidadosamente, de forma a permitir que os sujeitos tragam à tona o sentido verdadeiro percebido por eles naquele momento.

Nossas conversas com as pessoas portadoras de deficiência visual, nossa experiência de trabalhar com esta clientela, nos levou a tematizar o que seria o

²"Eidético" se refere à essência do fenômeno (MARTINS e BICUDO, 1989: 77).

significado da Dança para eles, a partir de seus próprios referenciais, mas, levando em conta nossa experiência da área. Assim, chegamos à seguinte pergunta orientadora: "O que é isto, vivenciar a Dança para você?"

Por vivência é entendido, também, experiência, mas é a experiência percebida de modo consciente por aquele que a executa (...) Possui características construtivas, como tempo em que se realiza, impressões, duração, está sempre sendo dirigida para alguma coisa, nunca é estática, há sempre uma relação entre o fenômeno que se mostra e o sujeito que experiencia. A consequência dessa experiência é sempre intencional." (Martins e Bicudo, 1989, p. 75)

Nossa proposta com esta investigação foi tentar compreender o significado da Dança para pessoas que portam deficiência visual, nos preocupando em não hipotetizar dados e sim ter em vista a perspectiva de um fenômeno, em que ele revelasse a nós a sua essência.

Similarmente, quando vemos um quadro e então prestamos atenção na figura e no seu fundo, como uma parte e um contexto, a perspectiva de olhar um dado fenômeno, como no caso, a experiência vivida com a dança por pessoas portadoras de deficiência visual, nos trouxe o significado desta experiência vivenciada por estes corpos em um diferenciado universo, um universo cheio de outros referenciais e de sentidos redescobertos.

5.2 O encontro com os sujeitos

Durante a procura de sujeitos que se enquadrassem em nossas perspectivas, estabelecemos critérios, critérios estes flexíveis, pela amplitude que pensamos ser pertinente; percebemos que mesmo assim, foi difícil encontrar pessoas portadoras

de deficiência visual que praticavam dança no presente momento de suas vidas.

À luz de nossa proposta, procuramos pessoas sem distinção do tipo de cegueira, ou seja, *congenita* ou *adquirida*. Para nós, relevamos as suas experiências vividas no presente momento com a dança. O nosso olhar esteve direcionado para o corpo que dança, o corpo da pessoa portadora de deficiência visual que vivencia a dança, independente do estilo de dança. Também, não nos preocupamos em qualificar as diferenças entre o *congenito* e o *adquirido*, mas sim em revelar o universo percebido, próprio, vivido pelo corpo da pessoa portadora de deficiência visual com a dança, através do seus próprios discursos.

Desta forma dirigimos esta pesquisa a pessoas portadoras de deficiência visual que são adultos (na idade entre 14 a 50 anos), de ambos os sexos e que estavam vivenciando atualmente a prática da Dança nas suas vidas, seja esta de forma amadora ou profissional.

Foram contatados os alunos do CADEVI³ de São Paulo, que trabalham Dança com a prof^a. Marli Nabeiro, as alunas da prof^a. Mari Gândara do CIAD⁴ da PUC Campinas e uma bailarina profissional, portadora de deficiente visual, estudante de Dança e Letras nos EUA. A viabilização destes contatos foi possível devido ao entrosamento da pesquisadora com os grupos citados, através de seus professores, bem como de amigos que nos possibilitaram estes encontros. Para nós, foi fundamental este entrosamento, pois pudemos estabelecer uma empatia com os sujeitos da pesquisa. Pensamos ser muito importante esta relação afetiva entre a pesquisadora e os sujeitos, pois ela dá significados às nossas experiências; não é o tempo que torna os laços mais fortes, e sim a empatia e os desejos em

³ CADEVI - Clube de apoio aos deficientes visuais.

⁴ CIAD - Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente.

comuns.

Ao final de nossa coleta, chegamos a um total de 13 sujeitos entrevistados e decidimos que este total já seria suficiente para estarmos desvendando nosso proposto fenômeno em questão.

5.3 A coleta dos dados

Os discursos foram coletados pela pesquisadora em gravação, registrados em fitas magnéticas (K7) e gravador (Olympus).

Deslocamo-nos várias vezes aos locais onde os sujeitos realizam suas aulas de Dança e, com a autorização dos professores responsáveis pelas aulas, pudemos entrevistar cada aluno individualmente e registramos esta conversa no gravador.

Com abordagem individual, pudemos explicar aos alunos o contexto da entrevista e, após cada sessão, pedimos a autorização do sujeito para utilizarmos seu discurso em posterior análise na pesquisa. Todos os sujeitos entrevistados permitiram a utilização do material gravado.

5.4 A trajetória seguinte

Segundo Martins (1992, p. 59), três momentos representam a perspectiva fenomenológica de pesquisa:

- 1º momento: Descrição
- 2º momento: Redução
- 3º momento: Compreensão (ou interpretação)

Apesar de esta trajetória estar didaticamente seqüenciada, ela não se apresenta como tal em sua aplicação, pois ela é móvel e flexível. Deslocamo-nos pelos momentos, eles não são estanques; mediante nossa habilidade e

intuitibilidade se movem sinuosamente para frente e para trás, sempre que necessário.

5.4.1 A Descrição

A descrição é o recurso inicial e básico na pesquisa fenomenológica. O ato de descrever é considerado como fundamental. Buscamos a essência do fenômeno, percorrendo sinuosamente em vários sentidos os momentos. À luz desta perspectiva, tentamos pontuar aquilo que apresenta, sem perder a visão do todo.

"As descrições podem ser emotivas tanto quanto desejar-se que elas o sejam." (Martins e Bicudo, 1989, p. 44)

Ao se descrever um discurso, devemos revelar os maiores detalhes possíveis, possibilitando um reconhecimento verdadeiro e profundo do objeto descrito.

"A descrição será tão melhor quanto mais facilitar o leitor ou o ouvinte a reconhecer o objeto descrito." (Martins e Bicudo, 1989, p. 46)

Os discursos ingênuos dos sujeitos possuem limites. Por isto, os outros momentos são fundamentais, mas retorna-se sempre que necessário a este momento, tendo em vista não se perder a essência do estudo.

"A descrição não comporta um estilo literário ou classificação por assuntos ou por estados emocionais. Ela fala de coisas e das situações e circunstâncias que as rodeiam. Não há normas severas, lista de palavras ou de sentenças que devam ser usadas para descrever." (Martins e Bicudo, 1989, p. 48)

5.4.2 A Redução

Nesta fase da pesquisa, o fenômeno começa a se apresentar e devemos desmontá-lo em partes e então reestruturá-lo após, tomando o cuidado de não transformá-lo em apenas soma de partes. Neste momento, após os sujeitos discursarem sobre suas experiências vividas com a dança, começamos a selecionar o que faria parte do nosso próprio mundo, nossas vivências com a dança e a pessoa portadora de deficiência visual. Tornou-se urgente selecionar e discriminar unidades de significado, que viriam ao encontro do nosso universo, uma leitura pessoal mais reveladora ao caso particular da investigação.

"O objeto deste momento na trajetória fenomenológica é determinar, selecionar quais as partes da descrição que são consideradas essenciais e aquelas que não o são. Em outras palavras, deseja-se encontrar exatamente que partes da experiência são verdadeiramente partes da nossa consciência, diferenciando-as daquelas que são simplesmente supostas. O propósito deste segundo momento é isolar o objeto da consciência – as coisas, as pessoas, as emoções ou outros aspectos que constituem a experiência que estamos tendo. (Martins, 1992, p. 59)

5.4.3 A compreensão (ou interpretação)

5.4.3.1 Análise Ideográfica

A análise ideográfica tenta identificar as partes, as características e as idéias das reduções, traçando um perfil de cada sujeito da pesquisa.

"A análise ideográfica refere-se ao emprego de ideogramas, ou seja, de representações de idéias por meio de símbolos. Efetivamente, trata-se da análise da ideologia que permeia as descrições ingênuas do sujeito." (Martins e Bicudo, 1989, p. 100)

À medida em que vamos transformando os discursos ingênuos dos sujeitos em universos mais próprios do pesquisador, vamo-nos aproximando da ideologia que enlaça os discursos, construindo assim uma síntese do fenômeno investigado.

Ao perceber o fenômeno iluminando-se diante de nós, começamos a reconhecer o conteúdo dos significados. Aqui não podemos perder de vista a interrogação primeira; assim, recorreremos sempre à revelação inicial dos sujeitos, para estarmos atentos ao referencial primeiro do fenômeno estudado.

5.4.3.2 Análise nomotética

Os fenômenos não são definíveis, eles são interpretados, os fatos sim se apresentam definidos. Os fenômenos tratam da natureza, da essência humana, portanto, não são apenas descritíveis e definíveis.

O enfoque nomotético trata de criar uma compreensão, uma interpretação do fenômeno geral. Neste instante, se questiona o momento apresentado.

"Esse empreendimento envolve uma compreensão dos diversos casos individuais como exemplos de algo mais geral e a articulação desses casos individuais, como exemplos particulares, em algo mais geral. A estrutura psicológica geral é a resultante da compreensão das convergências e das divergências que se mostram nos casos individuais." (Martins e Bicudo, 1989, p. 106).

VI - Análise dos Sujeitos

Sujeito Nº 1

O que é isso, vivenciar a Dança para você?

Há, sei lá. **[(1) Eu gosto de Dançar.]** assim...

Não é igual a ... (risos)

Há sei lá...

Há, **[(2) porque eu gosto de dançar assim, eu gosto mas, assim, o que significa para mim eu não saberia explicar]** (risos).

Há, não sei como explicar.

Há, mas não saberia explicar para você.

Sei lá, assim, **[(3) porque desde pequena, assim, eu sempre gostei quando comecei a dançar, sempre achei legal]**, assim eu acabei... (risos) mas, agora, a pergunta (risos).

[(4) Desde pequena eu gosto, mas porque que eu gosto, sei lá...]

[(5) Nunca parei para pensar sobre isso, daí.]

Sujeito N° 1

Unidades de significado	Redução fenomenológica
1) Eu gosto de dançar	1) Gosta de dançar.
2) Porque eu gosto de dançar assim, eu gosto mas, assim, o que significa para mim eu não saberia explicar.	2) Gosta de dançar, mas não sabe explicar o que significa.
3) Porque desde pequena, assim, eu sempre gostei quando comecei a dançar, sempre achei legal.	3) Gosta e acha legal (a dança) desde pequena.
4) Desde pequena eu gosto, mas porque eu gosto, sei lá...	4) Gosta desde pequena mas não sabe porque gosta.
5) Nunca parei para pensar sobre isso daí.	5) Nunca parou para pensar sobre o assunto. (vivenciar a dança)

Sujeito N° 1

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
O gostar de dançar 1. Gosta de dançar (1) Gosta de dançar, mas não sabe explicar o que significa (2) Gosta e acha legal (a dança) desde pequena (3) Gosta desde pequena mas não sabe porque gosta (4) Nunca parou para pensar sobre o assunto (vivenciar a dança) (5)	O gostar de dançar 1. Gosta de dançar e desde pequena acha legal mas nunca parou para pensar sobre o assunto.

Análise Ideográfica:Sujeito N° 1

O sujeito N°1 gosta muito de dançar, desde pequeno vivencia e acha legal mas nunca parou para pensar sobre o significado desta vivência para ele.

Sujeito Nº 2

O que é isso, vivenciar a Dança para você?

Bom, quando eu entrei, né, para fazer dança com a M., assim, a gente: eu, a F., todas que entraram, né, naquela época, assim, a gente tinha uma noção de espaço muito pequena né, geralmente os deficientes que não tem corpo trabalhado, tem uma postura que eles vão adquirindo, que eles acho que acham que é a certa e fica aquela postura, ou com a cabeça baixa ou anda muito assim robotizado, entendeu? Não é aquele andar solto, aquela coisa, e **[(1) eu acho que a Dança, desde que eu comecei a fazer, o que ela colaborou na minha vida e colabora até hoje é isso, entendeu, dá mais soltura no corpo], [(2) maior postura], [(3) maior noção de espaço], [(4) maior segurança para andar mesmo], [(5) eu tô fazendo locomoção agora, e a professora falou que, se fosse ver bem, eu nem precisaria, porque a noção que eu tenho de espaço, de limite, de esquerda, de direita, é muito boa, não querendo falar que eu sei muito, mas, é porque eu tenho o corpo trabalhado],** é exatamente por isto que eu tenho essa noção, né? e eu acho assim, parar para mim vai ser uma coisa muito ruim porque sabe, **[(6) é uma coisa que vai acompanhando a gente, assim, que nem quando eu entrei, eu não andava normalmente],** assim..., que automaticamente quando você anda, você equilibra o balanço dos braços, a M. trabalhou isso com a gente desde que a gente entrou, postura, como que se senta não é com a cabeça baixa, entendeu? **[(7) Você pode até observar que eu, a F. e a H., a gente tem uma postura normal, e se você pegar um outro deficiente que nunca teve o corpo trabalhando, o comportamento é diferente, né? Porque, muda mesmo, a dança vai mexendo],** vai... **[(8) sabe, eu adoro dançar],** é assim, minha mãe fala, né: — "aí, se eu pudesse, eu ia mudar para uma cidade mais sossegada". Eu falo: — "aí, não mãe,

porque, a se eu sair daqui, não sei, tudo que eu adquiri, não que vai por água a baixo, mas vai ficar ali, estabilizado, em vez de evoluir, né? **[(9) porque quanto mais você vai trabalhando, mais vai evoluindo a postura, vai mudando, né? para mim, a dança é isso, sabe?] [(10) ela ajuda muito, principalmente para gente que não enxerga], [(11) a dança é... acho que todo deficiente deverá dançar, deveria trabalhar o corpo, para viver normal como as outras pessoas],** né, que nem a M. falou..., uma vez a gente foi dançar na escola de cadetes, e eu descii, minha mãe parou, eu descii do carro e fui andando até onde estava o carro dela (M.), quer dizer, ela falou, se eu não soubesse que a J. não enxerga, eu nem ia perceber, mas porque, **[(12) porque eu tenho uma postura normal, de uma outra pessoa qualquer, mas custa, entendeu? e é através da dança que a gente vai adquirindo isso, né?]** Através de todo trabalho que ela vai desenvolvendo, que a M. vai desenvolvendo, a gente chegou aí, entendeu? neste estágio, eu acho que, sei lá, **[(13) eu adoro dançar.]**

Há, acho que poderia fazer uma pequena conclusão, **[(14) vivenciar a dança, quer dizer, você viver praticamente, né?]** porque você... que nem eu tenho uma amiga, né, que até ela parou de dançar, fazia uns dois que a gente tava, dois anos ou três, não sei, não lembro exatamente a data, e ela já está com uma postura totalmente errada de novo, porque, sabe? A mãe, o pai, até tentam corrigir, **[(15) mas eu acho assim, automaticamente a dança se ela já tá trabalhando seu corpo, ela já está corrigindo esses defeitos que a gente às vezes tem],** eu não sei, eu acho que a dança, não só a dança, é o trabalho da M. que, nesse trabalho já tá incluindo, entendeu, corrigir postura, é mostrar mesmo que... que nem a gente tá dançando um funk agora, **[(16) no começo por exemplo, a gente dançava a música mais mecanizada, porque a gente não tinha soltura no**

corpo, depois já foi passando para adágio que é para a gente aprender a ter leveza na mão, leveza sabe, depois coordenação motora, para gente ter uma boa coordenação, agora funk, o que que ela quer com funk, com samba, que a gente tenha aquela soltura no corpo, aquela ginga e cada vez vai aperfeiçoando mais, né? Eu já cheguei até fazer ginástica olímpica, quer dizer, vai cada vez evoluindo mais o processo], assim, acho que assim não tem mais nada para falar.

Sujeito N° 2

Unidades de Significado	Redução fenomenológica
1) Eu acho que a dança, desde que eu comecei a fazer, o que ela colaborou e colabora até hoje é isso, entendeu, dá mais soltura no corpo.	1) A dança colabora para dar mais soltura ao corpo.
2) Maior postura.	2) Para dar maior postura.
3) Maior noção de espaço.	3) Para dar maior noção de espaço.
4) Maior segurança para andar mesmo.	4) Para dar maior segurança no andar.
5) Eu tô fazendo locomoção agora, e a professora falou que se fosse ver bem eu nem precisaria, porque a noção que eu tenho de espaço, de limite, de esquerda, de direita, é muito boa; não querendo falar que eu sei muito, mas é porque eu tenho o corpo trabalhado.	5) Tem o corpo trabalhado com a dança, por isto tem boa noção de espaço, de limite, de esquerda, de direita, nem precisaria fazer aulas de locomoção.
6) É uma coisa que vai acompanhando a gente, assim, que nem eu quanto entrei, eu não andava normalmente.	6) A dança vai acompanhando o desenvolvimento do aluno.
7) Você pode até observar que eu, a X, e a Y, a gente tem uma postura normal, e se você pegar um outro deficiente que nunca teve o corpo trabalhado, o comportamento é diferente né? Porque muda mesmo, a dança vai mexendo.	7) A dança vai mexendo com a postura e deficientes que nunca tiveram o corpo trabalhado, tem o comportamento diferente.
8) Sabe, eu adoro dançar.	8) Adora dançar.

9) Porque quanto mais você vai trabalhando, mais vai evoluindo a postura, vai mudando né? Pra mim a dança é isso sabe?	9) O trabalho constante com dança, vai mudando e evoluindo a postura.
10) Ela ajuda muito, principalmente pra gente que não enxerga.	10) A dança ajuda muito quem não enxerga.
11) A dança é..., acho que todo deficiente devia dançar, devia trabalhar o corpo, pra viver normal como as outras pessoas.	11) Todo deficiente deveria dançar, para viver normal como as outras pessoas.
12) Porque eu tenho uma postura normal, de uma outra pessoa qualquer, mas custou entendeu? É através da dança que a gente vai adquirindo. Isso né?	12) Adquiriu através da dança uma postura normal.
13) Eu adoro dançar.	13) Adora dançar
14) Vivenciar a dança quer dizer você viver praticamente né?	14) Vivenciar a dança quer dizer viver.
15) Mas eu acho assim, automaticamente a dança, se ela já tá trabalhando seu corpo, ela já está corrigindo esses defeitos que a gente às vezes tem.	15) A dança trabalha o corpo, então automaticamente corrige os defeitos (de postura).
16) No começo, por exemplo, a gente dançava música mais mecanizada, porque a gente não tinha soltura..., ...depois já foi passando pro adágio, que é pra gente aprender a ter leveza na mão..., ...e cada vez vai aperfeiçoando mais né..., ... quer dizer, vai cada vez evoluindo mais o processo.	16) A dança é um processo que vai se aperfeiçoando, que vai evoluindo.

Sujeito N° 2

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
<p>Os movimentos mais soltos e naturais 1. A dança colabora para dar mais soltura ao corpo (1)</p>	<p>Os movimentos mais soltos e naturais 1. A dança colabora para dar mais soltura ao corpo.</p>
<p>Dançar interfere na postura 2. Para dar maior postura (2) A dança vai mexendo com a postura e deficientes que nunca tiveram o corpo trabalhado, tem o comportamento diferente (postura) (7) O trabalho constante com dança vai mudando e evoluindo a postura (9) Adquiriu através da dança uma postura normal (12) A dança trabalha o corpo, então automaticamente corrige os defeitos (de postura) (15)</p>	<p>Dançar interfere na postura 2. Um trabalho constante de dança vai mexendo com o corpo e modificando a postura.</p>
<p>Dançar desenvolve a noção de espaço 3. Para dar maior noção de espaço (3) Tem o corpo trabalhado com a dança, por isto tem boa noção de espaço, de limite, de esquerda, de direita, nem precisaria fazer aulas de locomoção (5)</p>	<p>Dançar desenvolve a noção de espaço 3. Ter o corpo trabalhado com a dança, dá maior noção de espaço.</p>
<p>Dançar o dia-a-dia 4. Para dar maior segurança no andar (4)</p>	<p>Dançar o dia-a-dia 4. Dançar dá maior segurança no andar.</p>
<p>Dança como um processo no desenvolvimento 5. A dança vai acompanhando o desenvolvimento do aluno (6). A dança ajuda muito quem não enxerga (10). A dança é um processo que vai se aperfeiçoando, que vai evoluindo (16).</p>	<p>Dança como um processo no desenvolvimento 5. A dança é um processo que vai acompanhando o desenvolvimento do aluno.</p>
<p>O gostar de dançar 6. Adora dançar (8). Adora dançar (13).</p>	<p>O gostar de dançar 6. Adora dançar.</p>
<p>Viver como uma pessoa não deficiente 7. Todo deficiente deveria dançar para viver normal como as outras pessoas (11)</p>	<p>Viver como uma pessoa não deficiente 7. A pessoa deficiente deve dançar para viver normal como as outras pessoas.</p>
<p>Dançar é viver 8. Vivenciar a dança quer dizer viver (14)</p>	<p>Dançar é viver 8. Vivenciar a dança é viver.</p>

Análise Ideográfica

Sujeito Nº 2

O sujeito nº 2 gosta muito de dançar e acha que a dança é um processo que vai acompanhando o desenvolvimento do aluno. Ajuda muito a pessoa portadora de D.V., melhorando o seu andar, a sua postura, a sua noção de espaço, dando soltura ao corpo. Ajuda a pessoa deficiente a viver como as outras pessoas (não deficientes). Vivenciar a dança para ele é viver.

Sujeito N° 3

O que é isso, vivenciar a Dança para você?

Bom, então, pensei assim, acho que seria assim, **[(1) primeiro, a gente adquirir para gente mesmo uma certa espontaneidade nos movimentos cotidianos, nos movimentos de andar, nos movimentos de... , a movimentação cotidiana], assim, [(2) aplicar aquela soltura que a gente adquire através da dança, aplicar isso nos movimentos do dia-a-dia, no andar, coisa assim, é a gente adquirir também essa soltura.]** E acho que em questão também para sociedade, para as outras pessoas assim, **[(3) eu acho que a dança é uma das formas mais, assim, concreta da gente se aproximar das pessoas que são, que não são deficientes], né, [(4) porque a dança no caso, seria uma coisa visual, seria uma coisa que a pessoa, o praticante, né, precisa da visão, então se a gente é deficiente visual e pratica dança, a gente aproxima muito daqueles que tem a visão normal].** Eu penso assim.

Então, eu acho que nestes dois sentidos, **[(5) a gente aproveita para nós mesmos, no sentido de ter essa movimentação mais solta, mais natural], [(6) e também para as pessoas com as quais a gente convive, que a gente apresenta trabalho para mostrar, também essa aproximação, ou até essa igualdade mesmo de capacidades entre os deficientes e os não deficientes], né?**

E, deixa eu pensar, acho que seria isso.

Eu acho que também, eu estava pensando assim, **[(7) se a pessoa tem uma solteira maior de movimento, eu acho que a relação dela com as outras pessoas fica mais, fica mais fácil],** assim, porque eu acho que as pessoas videntes, no caso de se tratar especificamente assim da deficiência visual, elas se

comunicam muito por gestos, né, quer dizer, uma conversa entre as pessoas, às vezes o olhar que a pessoa tem uma para outra já diz tudo, a pessoa nem precisa falar, ou, às vezes acontece alguma coisa, a pessoa faz um gesto para outra e já disse tudo assim, **[(8) então eu acho que a gente, sem ter esse trabalho de dança, sem ter essa vivência, né, da dança, a gente naturalmente não tem tanto essa solteira de gestualidade na conversa com as outras pessoas, quanto que uma pessoa que é vidente tem, então, eu acho que isso com a dança, a gente adquire também]** e **[(9) a gente pode assim, nas conversas, nos movimentar mais, sabe assim, nas conversas, de repente falar com as mãos assim, então acho que isso a gente vai adquirindo, é pelo próprio desenvolvimento de movimentação, que a gente vai tendo com a dança], [(10) porque querendo ou não, a gente sem perceber vai aprendendo formas de movimentos que a gente não conhecia]**, né, porque se pensar assim, **[(11) a Dança no caso dos videntes seria uma cópia dos movimentos ou na própria vida mesmo, os videntes copiam os movimentos que eles vêem das outras pessoas, nós não, nós temos que ter esse modelo de movimentação para gente copiar, senão a gente não tem como copiar e desenvolver isso, então a gente conhecendo, tendo uma consciência dos movimentos, ou seja, do que a gente pode fazer com o corpo, acho que fica mais fácil essa vivência, assim dessa movimentação, né?]**

Então, eu acho inclusive até que o apoio familiar, a compreensão familiar, assim, das pessoas mais próximas da gente, acho que também facilita, porque a família também tem uma caminhada com a gente, quer dizer, a família, quando os pais tem um filho deficiente, eles não são preparados para isso, eles não têm de repente um curso para ter um filho deficiente, eles têm um filho deficiente e aí está

na mão deles e eles se viram para, quer dizer, não diria um peso, mas uma coisa nova para eles assim, então acho que isso, apesar deles terem..., no meu caso, assim, eu ter um bom apoio familiar assim né, mas eu acho que em geral assim, através disso eles vão percebendo que os mesmos requisitos que eles precisam para educar qualquer outro filho, né, eles precisam na educação de um filho deficiente, então eles vão vendo que as coisas são muito, que as dificuldades de um deficiente e de um não deficiente são muito próximas, né, então acho que isso vai facilitando na educação dos filhos, para própria família, a própria família vai se entregando mais e isso vale assim como até um incentivo mesmo, né, para eles. E eu acho que seria isso, acho que também quem lida com isso, no caso os professores de Dança mesmo, acho que devem ter uma certa realização também por perceberem que eles fazem o movimento e o aluno copiar, eles podem passar esse movimento para o aluno de outra forma, no caso que se eles passarem para gente copiar a gente não consegue fazer, então eles têm que passar isto de outra forma, ou falando ou pegando na gente, fazendo, então, acho que eles ampliam também a comunicação que eles têm com os alunos, eles aprendem também uma nova comunicação, né, acho que isso para eles deve proporcionar ou certo enriquecimento, assim, né? e, eu acho que isso que me lembro assim.

... Eu acho que isso, a Dança é até um caminho para gente, né? se de repente um dia a gente quiser seguir isso, de maneira assim mais profissional, mais assim, para nossa vida mesmo, profissional mesmo, a gente querer ter essa profissão exclusiva, acho que também é um caminho, apesar da gente também ter, eu, por exemplo, que lido com música também, ou alguma outra pessoa que tenha desejo de fazer alguma outra profissão, mas acho que também vale como uma atividade profissional, mesmo que a gente possa seguir, ou não, né? Mas tem essa

possibilidade também, né?

... Porque o campo profissional para o deficiente, quer queira quer não queira, é complicado, existe um monte de preconceitos, de barreiras, né, as pessoas não se conscientizaram ainda de que um deficiente pode produzir tanto quanto, até mais que uma pessoa não deficiente, depende do caso, acho que, deficiência não é um fator de dizer se a pessoa vai produzir mais ou menos, né, são outros fatores que...

Eu acho que é isso mesmo, os professores da família, da sociedade, para nós mesmos, e eu acho também que as pessoas tem esse..., isso que a gente estava falando deste preconceito que as pessoas tem, né, contra o deficiente, mesmo para contratar assim para alguém, serviço, no caso, profissional, eu acho assim, se a gente mostrar, **[(12) é importante que haja uma divulgação deste trabalho de dança, porque se a gente mostrar isso para essas pessoas, elas vão percebendo também que é possível, elas vão percebendo que não é como elas pensavam, porque eu acho que as pessoas tem muito preconceito, né, muitas barreiras assim, contra um deficiente]**, não por culpa delas mesmos porque elas não conhecem, sabem o que um deficiente é capaz ou não, quer dizer nunca tiveram contato ou lidaram com isso, então **[(13) acho que se a gente mostrar isso, sendo a dança uma forma muito clara de que tudo é igual, né, tudo é igual não porque se é deficiente não é igual, alguma coisa é diferente, acho que todos são diferentes entre si, deficientes ou não, mas se a dança é uma coisa que aproxima muito os deficientes das pessoas que não sejam deficientes, eu acho que eles vão vendo que a pessoa deficiente não é tão distante das outras, que é muito, que tudo que um ser humano tem um deficiente tem, porque às vezes, dá impressão que não se vê o deficiente**

como ser humano, se vê o deficiente como um deficiente, né, ele é tratado mais como um deficiente do que como uma pessoa em si, com qualidades ou com defeitos de seres humanos, sentimentos...] percebe-se o deficiente só como alguém que precisa de solidariedade e pronto, não se valoriza a capacidade que ele tem, não se valoriza é: as qualidades pessoais, humanas, afetivas, psicológicas que a pessoa tem, então, **[(14) eu acho que a dança é uma forma também de aproximar e de se valorizar mais o deficiente como um ser humano, do que propriamente como um deficiente só], né.**

Sujeito N° 3

Unidades de Significado	Redução fenomenológica
1) Primeiro, a gente adquirir pra gente mesmo uma certa espontaneidade nos movimentos cotidiano, nos movimentos de andar, nos movimentos de, a movimentação cotidiana.	1) Adquiriu com a dança uma certa espontaneidade nos movimentos do cotidiano.
2) Aplicar aquela soltura que a gente adquire através da dança, aplicar isso nos movimentos do dia-a-dia, no andar, coisa assim, é a gente adquirir também essa soltura.	2) Aplicar a soltura que aprende com a dança nos movimentos do dia-a-dia.
3) Eu acho que a dança é uma das formas mais, assim, concreta da gente se aproximar das pessoas que são, que não são deficientes.	3) A dança é uma maneira concreta de se aproximar das pessoas que não são deficientes.
4) A dança no caso, seria uma coisa visual, seria uma coisa que a pessoa, o praticante né, precisa da visão, então se a gente é D.V. e pratica dança, a gente se aproxima muito daqueles que tem a visão normal.	4) A pessoa portadora de D.V. se aproxima das pessoas videntes através da dança, por esta ser uma prática visual.
5) A gente aproveita pra nós mesmos, no sentido de ter essa movimentação mais solta, mais natural.	5) A dança possibilita uma movimentação mais solta e natural.

<p>6) E também para as pessoas com as quais a gente convive, que a gente apresenta o trabalho pra mostrar, também essa aproximação, ou até essa igualdade mesmo de capacidades entre os deficientes e os não deficientes.</p>	<p>6) É uma possibilidade de mostrar igualdade de capacidades entre pessoas deficientes e não deficientes.</p>
<p>7) Se uma pessoa tem uma soltura maior de movimentos, eu acho que a relação dela com as outras pessoas fica, fica mais fácil.</p>	<p>7) Ter uma maior soltura ajuda na relação com as outras pessoas (não deficientes).</p>
<p>8) Então eu acho que a gente, sem ter esse trabalho de dança, sem ter essa vivência né, da dança, a gente naturalmente não tem tanto essa soltura da gestualidade na conversa com as outras pessoas, quanto uma pessoa vidente tem, então eu acho que isso com a dança a gente adquire também.</p>	<p>8) Com a dança se adquire uma soltura de gestualidade na conversa, como uma pessoa vidente tem.</p>
<p>9) A gente pode assim, nas conversas nos movimentar mais, sabe assim, de repente falar com as mãos, assim, então acho que isso a gente vai adquirindo é pelo próprio desenvolvimento de movimentação, que a gente vai tendo com a dança.</p>	<p>9) É desenvolver nas conversas uma movimentação mais natural, que se adquire com a dança.</p>
<p>10) Porque querendo ou não, a gente sem perceber vai aprendendo formas de movimento que a gente não conhecia.</p>	<p>10) É descobrir formas de movimentos que não conhecia.</p>
<p>11) A dança no caso dos videntes seria uma cópia dos movimentos ou na própria vida..., ...nós não, nós temos que ter esse modelo de movimentação pra gente copiar, senão a gente não tem como copiar e desenvolver isso, então a gente conhecendo, tendo uma consciência assim, até corporal, uma consciência dos movimentos, ou seja, do que a gente pode fazer com o corpo, acho que fica mais fácil essa vivência, assim dessa movimentação.</p>	<p>11) A pessoa portadora de D.V. não tem como copiar os movimentos então ter uma consciência corporal facilita a vivência de sua movimentação e construção de seus modelos.</p>

<p>12) É importante que haja uma divulgação deste trabalho de dança, porque se a gente mostrar isso pra essas pessoas, elas vão percebendo que não é como elas pensavam, porque eu acho que as pessoas tem muito preconceito, né, muitas barreiras assim, contra um deficiente.</p>	<p>12) A divulgação do trabalho da dança é importante para romper com barreiras e preconceitos contra deficiente.</p>
<p>13) Acho que se a gente mostrar isso, sendo a dança uma forma muito clara de que tudo é igual né, tudo é igual não é igual..., ...mas se a dança é uma coisa que aproxima muito os deficientes das pessoas que não sejam deficientes, eu acho que eles vão vendo que a pessoa deficiente não é tão distante das outras, que é muito, que tudo que um ser humano tem um deficiente tem porque às vezes, dá impressão que não se vê o deficiente como ser humano, se vê o deficiente como um deficiente, né, ele é tratado mais como um deficiente do que como uma pessoa em si, com qualidades ou com defeitos de seres humanos, sentimentos...</p>	<p>13) A dança é uma forma clara de aproximar os deficientes de pessoas não deficientes.</p>
<p>14) Eu acho que a dança é uma forma também de aproximar e de valorizar mais o deficiente como um ser humano, do que propriamente como um deficiente só.</p>	<p>14) A dança é uma forma de valorizar o deficiente como ser humano.</p>

Sujeito N°3

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
<p>Dançar o dia-a-dia 1. Adquire com a dança uma certa espontaneidade nos movimentos do cotidiano (1). Aplica a soltura nos movimentos do dia-a-dia (2).</p>	<p>Dançar o dia-a-dia 1. A dança possibilita uma espontaneidade e soltura nos movimentos do cotidiano.</p>
<p>A integração pela dança 2. A dança é uma maneira concreta de se aproximar das pessoas que não são deficientes (3). A pessoa portadora de D.V. se aproxima das pessoas videntes através da dança, por esta ser uma prática visual (4). Ter uma maior soltura ajuda na relação com as outras pessoas (não deficientes) (7). A dança é uma forma clara de aproximar os deficientes de pessoas não deficientes (16).</p>	<p>A integração pela dança 2. A dança possibilita uma maior aproximação da pessoa portadora de D.V. daqueles que não o são, a soltura dos movimentos ajuda nas relações com as pessoas videntes.</p>
<p>Os movimentos mais soltos e naturais 3. A dança possibilita uma movimentação mais solta e natural (5). Com a dança se adquire uma soltura de gestualidade na conversa, como uma pessoa vidente tem (8). É desenvolver nas conversas uma movimentação mais natural, que se adquire com a dança (9).</p>	<p>Os movimentos mais soltos e naturais 3. A dança possibilita uma movimentação mais solta e natural.</p>
<p>Igualdade de capacidade 4. É uma maneira de mostrar igualdade de capacidade entre pessoas deficientes e não deficientes (6).</p>	<p>Igualdade de capacidade 4. A dança possibilita mostrar uma igualdade de capacidade.</p>
<p>Dançar é ter consciência de tudo 7. É descobrir formas de movimentos que não conhecia (10). A pessoa port. de D.V. não tem como copiar os movimentos, então ter uma consciência corporal facilita a vivência de sua movimentação e construção de seus modelos (11).</p>	<p>Dançar é ter consciência de tudo 7. Ter uma consciência corporal facilita na construção de seus modelos e na vivência de seus movimentos.</p>
<p>Romper barreiras e preconceitos 8. A divulgação do trabalho da dança é importante para romper com barreiras e preconceitos contra deficientes (12). A dança é uma forma clara de aproximar os deficientes de pessoas não deficientes (13).</p>	<p>Romper barreiras e preconceitos 8. A divulgação do trabalho é importante para se romper com preconceitos contra a pessoa portadora de deficiência.</p>
<p>A valorização da pessoa 9. A dança é uma forma de valorizar o deficiente como ser humano (14).</p>	<p>A valorização da pessoa 9. A dança é uma forma de valorizar a pessoa portadora de deficiência como um ser humano.</p>

Análise Ideográfica

Sujeito 3

O sujeito nº 3 aponta para a importância da dança como meio de aproximação com pessoas não deficientes, sendo uma oportunidade de mostrar suas igualdades de capacidades. Experimentar os movimentos de forma mais espontânea melhora o seu cotidiano, bem como torna sua gestualidade mais natural, como a de uma pessoa vidente. A dança lhe possibilita novas descobertas e uma consciência do corpo, isso ajuda na construção das suas referências. Projeta a possibilidade desta área ser sua opção profissional, a divulgação do trabalho ajuda a romper com preconceitos. Espera ser valorizado como ser humano e não como deficiente.

Sujeito nº4

E o que que é isso, vivenciar a dança pra você?

Há, **[(1) pra mim é muito bom, eu gosto, bom eu sempre gostei de dançar, eu quando era moça dançava, ia nos bailes, dançava tudo]**, depois eu tive minhas filhas, é que eu tenho duas filhas, e aí não podia sair mais pra canto nenhum, então daí ficava em casa não saia, depois agora minhas filhas estão adultas e elas não precisam mais tanto de mim, quanto precisavam, quando eram pequenininhas, então eu fiquei meia parada, aí quando a My. começou a dar aula, foi por isso que eu comecei a vir na aula da My., eu tava assim meia parada sabe, aí a My. começou a dar aula, eu falei: — vou começar a ter aula com a My., aí eu gostei, aí eu entrei no cadevi, porque eu não era nem do cadevi, aí eu entrei no cadevi, eu sou muito extrovertida, muito mandona, como eles diziam ai, mas não é mandona, eu sou autoritária né, eu sou muito autoritária, então eles me puseram, então, toda diretoria que tem, eu tô dentro da diretoria, eu saio de uma e entro em outra, saio de uma entro em outra, todo mundo me convida pra entrar na diretoria, e eu sou uma espécie de relações públicas do cadevi, a tarde quando eles vão lá, porque eu me apresento, apresento todo mundo, e não deixo ninguém ficar assim, hum que nem bobo lá parado, então, já converso com a pessoa tudo como ontem nós tivemos duas estagiárias da faculdade de São Marcos que elas fazem psicologia, e elas estão precisando também de fazer carga horária pra fazer igual aos rapazes, como chama é..., estágio, então elas foram lá, e elas estavam lá que nem duas bobas...

Vivenciar a dança pra mim, há, **[(2) eu gosto da dança porque eu gosto de me movimentar, eu não sou uma pessoa parada, eu gosto de me movimentar]**, eu gosto de sair, eu gosto de andar, e eu gosto de dançar mesmo, e **[(3) a dança**

pra mim é um prazer], é um, **[(4) uma alegria], [(5) uma coisa que eu, que eu gosto muito de fazer, eu gosto muito de dançar]**, eu não gosto de ..., **[(6) eu não sou uma pessoa parada, então, eu não sendo parada eu tenho que gostar de dançar]**, e eu gosto de dançar mais é rock, adoro rock (risos), aquele rock de par, a gente dança de par, nós aprendemos sozinhas né?, a My. ensina primeiro sozinha, agora ela ensinou já com par, a gente vira, volta, e eu acho uma delícia...

... Há, eu acho que não vou completar mais nada não, acho que já falei o que tinha que falar... não, e **[(7) a dança também é bom pra nós, deficiente visual, porque ajuda na locomoção]**, porque quando você vira pra cá, vira pra lá, e dança, faz aqueles..., **[(8) quando você vai andar, ainda mais aqui em São Paulo, essa cidade cheia de buraco que tem, quando você põe o pé no buraco, você sabe muito bem se safar, porque você já tá dançando, faz a dança, já sabe se virar bem]**, então dá prá, eu acho que até nisso a dança ajuda é porque mesma coisa quando você vai andando, tem esse negócio aqui (meio-fio), você vai andando, você nem sabe que tem, aí você vira o pé pra cá, aí com outro pé você já escora, já dá pra não cair, **[(9) e se você não faz uma dança, não faz um nada, você fica só parada no lugar, você não tem essa agilidade, então a dança dá mais essa agilidade pra gente]**, eu acho, eu sempre falei isso pra My....

Sujeito N° 4

Unidades de significado	Redução fenomenológica
1) Para mim é muito bom, eu gosto, bom eu sempre gostei de dançar, eu quando era moça dançava, ia nos bailes, dançava tudo.	1) Sempre gostou de dançar desde moça.
2) Eu gosto da dança porque eu gosto de me movimentar, eu não sou uma pessoa parada, eu gosto de me movimentar.	2) Gosta da dança pelo prazer de se movimentar.
3) A dança pra mim é um prazer.	3) A dança é um prazer.
4) É uma alegria.	4) A dança é uma alegria.
5) Uma coisa que eu, que eu gosto muito de fazer, eu gosto muito de dançar.	5) Gosta muito de dançar.
6) Eu não sou uma pessoa parada, então, eu não sendo parada, eu tenho que gostar de dançar.	6) É gostar de dançar porque gosta de se movimentar.
7) A dança também é bom para nós, deficiente visual, porque ajuda na locomoção.	7) A dança ajuda na locomoção do deficiente mental.
8) Quando você andar, ainda mais aqui em São Paulo, essa cidade cheia de buraco, você sabe muito bem se safar, porque você já tá dançando, faz a dança, já sabe se virar bem.	8) Fazer a dança ajuda nas situações de locomoção na cidade.
9) E se você não faz uma dança, não faz um nada, você fica só parada no lugar, você não tem essa agilidade, então a dança dá mais essa agilidade pra gente.	9) A dança dá mais agilidade para a pessoa.

Sujeito N° 4

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
O gostar de dançar 1. Sempre gostou de dançar desde moça (1). Gosta muito de dançar (5).	O gostar de dançar 1. Gosta muito de dançar.
O prazer do movimento 2. Gosta da dança pelo prazer de se movimentar (2). A dança é um prazer (3). A dança é uma alegria (4). É gostar de dançar porque gosta de se movimentar (6).	O prazer do movimento 2. Gosta de dançar pelo prazer de movimentar-se.
Dançar o dia-a-dia 3. A dança ajuda na locomoção do deficiente visual (7). Fazer a dança ajuda nas situações de locomoção na cidade (8).	Dançar o dia-a-dia 3. A dança ajuda na locomoção.
A dança dá agilidade 4. A dança dá mais agilidade para a pessoa (9).	A dança dá agilidade 4. Dá mais agilidade para a pessoa.

Análise Ideográfica:Sujeito N° 4

O sujeito n° 4 gosta muito de dançar, sente prazer em movimentar-se.

Percebe que a dança ajuda na sua locomoção e dá mais agilidade ao corpo.

Sujeito nº5

O que é isso, vivenciar a dança para você?

R. Bom, **[(1) eu acho assim que é muito importante sabe, esse dançar entendeu? Porque você se integra mais né, na sociedade],** também sabe, tem haver sabe, **[(2) você assim, tem um desenvolvimento maior, desenvolvimento corporal]** e que mais é...

[(3) Eu acho que é desenvolver assim tipo um tudo sabe], [(4) porque você se solta né? As pessoas mais tímidas por exemplo, se soltam melhor.]

Porque mesmo antes d'eu vir pra cá eu dançava né, como eu te falei, mas assim dançava mais música lenta, porque é mais fácil né? Então eu tô gostando agora porque eu tô aprendendo assim uns passos de samba, sabe que eu acho muito bacana sabe? Então eu tô gostando. Eu eu moro longe ein? Moro longe, pra você ter uma idéia de que eu gosto mesmo, eu moro em Santo André, não sei se você já ouviu falar, e até são Paulo, até aqui é uma boa caminhada. Mas eu tô gostando.

Há eu acho que engloba né, o que eu falei né, **[(5) acho que seria o desenvolvimento], [(6) uma integração sabe você], [(7) uma autoconfiança],** há! pra mim seria isso.

Sujeito Nº 5

Unidades de significado	Redução fenomenológica
1) Eu acho assim, que é muito importante, sabe, esse dançar entendeu?	1) Dança integra mais a pessoa na sociedade.
2) Você assim, tem um desenvolvimento maior, desenvolvimento corporal.	2) Dançar possibilita um maior desenvolvimento corporal.
3) Acho que é desenvolver assim tipo um tudo, sabe?	3) É desenvolver tipo um tudo.

4) Porque você se solta, né? As pessoas mais tímidas, por exemplo, se soltam melhor.	4) É soltar-se melhor.
5) Acho que seria o desenvolvimento	5) Dançar é um desenvolvimento
6) Uma integração.	6) Dançar é uma integração.
7) Uma autoconfiança.	7) Dançar é autoconfiança.

Sujeito N° 5

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
A integração pela dança 1. Dançar integra mais a pessoa na sociedade (1). Dançar é uma integração (6).	A integração pela dança 1. A dança integra a pessoa na sociedade.
Possibilita o desenvolvimento corporal 2. Dançar possibilita um maior desenvolvimento corporal (2).	Possibilita o desenvolvimento corporal 2. Possibilita um maior desenvolvimento corporal.
Dança como processo no desenvolvimento 3. É desenvolver tipo um tudo (3). Dançar é um desenvolvimento (5).	Dança como processo no desenvolvimento 3. É um processo de desenvolvimento.
Os movimentos mais soltos e naturais 4. É soltar-se melhor (4).	Os movimentos mais soltos e naturais 4. É soltar-se melhor.
Dançar é autoconfiança 5. Dançar é autoconfiança (7).	Dançar é autoconfiança 5. Dançar é autoconfiança.

Análise Ideográfica:

Sujeito nº 5

Para o sujeito nº 5, a dança é um processo de desenvolvimento onde adquire autoconfiança, solta-se melhor, integra a pessoa na sociedade e possibilita um desenvolvimento corporal.

Sujeito N° 6

O que é isso, vivenciar a dança pra você?

R. Vivenciar a dança, é um termo assim bem, engloba bastante, pra mim vivenciar a dança é você, em primeiro lugar **[(1) é você vivenciar o que você gosta]** né? Porque eu gosto muito de dança, depois **[(2) vivenciar a dança é você aprender assim, aprender a se movimentar, a se deslocar de um local para outro], [(3) é assim respeitando o seu limite, respeitando o dos outros, sabendo onde é seu lugar, onde é o lugar dos outros]** é, e acima de tudo **[(4) é você adquirir sua autoconfiança, porque no momento que você tá vivenciando a dança, você tá adquirindo autoconfiança em você mesmo]**, e deixa eu ver que mais... É, vivenciar a dança também pra mim, quer dizer você, ai como eu posso explicar, **[(5) vivenciar um, uma coisa que todo mundo achava que você não podia fazer, você mesmo, é você ir em contradição a uma sociedade inteira que acha que você não pode fazer isso, então é você provar ao contrário, é você vivenciar o que eles não querem ou não acreditam que você faça]**, isso aí, não sei se era isso que você queria...

...A palavra vivenciar me lembra assim, é de, vivenciar, você executar, então sei lá, eu não sei assim como te explicar bem, não sei assim a que nível você quer também.

É o que eu te falei, pra mim vivenciar a dança, **[(6) é você vivenciar, vivenciar, executar assim algo que, dança, algo que eu gosto]**, então **[(7) é você ultrapassar barreiras, do que pensava que não podia fazer]** né?

Sujeito N° 6

Unidades de significado	Redução fenomenológica
1) É você vivenciar o que você gosta	1) É vivenciar o que gosta.
2) Vivenciar a dança é você aprender assim, aprender a se movimentar, a se deslocar de um local para outro.	2) Vivenciar a dança é aprender a se movimentar e a se deslocar no espaço.
3) É assim respeitando o seu limite, respeitando o dos outros, sabendo onde é seu lugar, onde é o lugar dos outros.	3) É aprender a respeitar os limites pessoais e os limites dos outros.
4) É você adquirir sua autoconfiança, porque no momento que você tá vivenciando a dança, você tá adquirindo autoconfiança em você mesmo.	4) É buscar autoconfiança.
5) Vivenciar um, uma coisa que todo mundo achava que você não podia fazer, você mesmo, é você ir em contradição a uma sociedade inteira que acha que você não pode fazer isso, então é você provar ao contrário, é você vivenciar o que eles não querem ou não acreditam que você faça.	5) É vivenciar algo que a sociedade e você mesmo pensava não ser possível.
6) É você vivenciar, vivenciar, executar assim algo que dança, algo que eu gosto.	6) É vivenciar algo que gosta.
7) É você ultrapassar barreiras do que pensava que não podia fazer	7) É ultrapassar barreiras.

Sujeito N° 6

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
O gostar de dançar 1. É vivenciar o que gosta (1). É vivenciar algo que gosta (6).	O gostar de dançar 1. É vivenciar o que gosta.
Dançar desenvolve a noção de espaço 2. Vivenciar a dança é aprender a se movimentar e a se deslocar no espaço(2). É aprender a respeitar os limites pessoais e os limites dos outros (3).	Dançar desenvolve a noção de espaço 2. Aprende a se movimentar no espaço, respeitando os limites pessoais e dos outros.
Dançar é autoconfiança 3. É buscar autoconfiança (4).	Dançar é autoconfiança 3. É buscar autoconfiança.
Romper barreiras e preconceitos 4. É vivenciar algo que a sociedade e você mesmo pensava não ser possível (5). É ultrapassar barreiras (7).	Romper barreiras e preconceitos 4. É ultrapassar barreiras que pensava não ser possível.

Análise Ideográfica:Sujeito N° 6

Para o sujeito nº 6, dançar é vivenciar o que gosta. Com a dança busca uma autoconfiança para ultrapassar barreiras que pensava não ser possível. Aprende a se movimentar respeitando os limites pessoais e interpessoais.

Sujeito Nº 7

O que é isso, vivenciar a dança pra você?

R. **[(1) Há eu me sinto muito bem], [(2) eu adoro, adoro dança].** E porque eu acho que, bom **[(3) envolve a expressão corporal] né? [(4) Acho que está ligado a tudo que a gente faz também né? Por exemplo se eu me sinto como, eu consigo é ter uma boa sincronia com o ritmo que eu tô dançando né, eu me sinto que, em me sinto muito bem né? E ao passo que se isso tem uma continuidade, isso reflete até no meu dia-a-dia, por exemplo, eu venho aqui hoje né? Aí eu não consigo esquecer da, dos movimentos, durante a semana, entendeu? Eu acho que está relacionado com tudo que a gente faz],** não sei se eu fui bem claro.

Há, e também **[(5) tem a própria, o próprio ponto da gente estar se relacionando né com as pessoas],** que acho que isto é importante também né? Mas eu acho que deveria ser mais aberto também, por exemplo, pessoas normais também estar integrando, e eu acho pra mim assim particularmente, eu sou uma pessoa muito tímida né? Eu **[(6) acho que a dança faz com que a gente se abra mais né? Fica mais, torna-se mais espontâneos né? Os nossos movimentos mesmos, perante o próprio grupo, perante a nós e perante ao próprio grupo que nós estamos integrados] né?**

Acho que basicamente seria isso.

Sujeito N° 7

Unidades de significado	Redução fenomenológica
1) Há, eu me sinto muito bem.	1) É se sentir bem.
2) Eu adoro, adoro dançar.	2) Adora dançar.
3) Envolve a expressão corporal.	3) A dança envolve a expressão corporal.
4) Acho que está ligado a tudo que a gente faz, também, né? Por exemplo, se eu me sinto como, eu consigo é ter uma boa sincronia com o ritmo que eu tô dançando, né, eu me sinto que, eu me sinto muito bem, né? E ao passo que se isso tem continuidade, isso reflete até no meu dia-a-dia, por exemplo, eu venho aqui hoje, né? Aí, eu não consigo esquecer da, dos movimentos durante a semana, entendeu? Eu acho que está relacionado com tudo que a gente faz.	4) Está ligado a tudo que faz e a sua continuidade (a dança) reflete até no dia-a-dia.
5) Tem a própria, o próprio ponto da gente estar se relacionando, né, com as pessoas.	5) É estar se relacionando com as pessoas.
6) Acho que a dança faz com que a gente se abra mais, né? Fica mais, torna-se mais espontâneos, né? Os nossos próprios movimentos mesmos, perante o próprio grupo, perante a nós e perante ao próprio grupo que nós estamos integrados.	6) A dança faz com que as pessoas se abram mais, tornam-se mais espontâneas perante o grupo e a si próprio.

Sujeito N° 7

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
O gostar de dançar 1. É se sentir bem (1). Adora dançar (2)	O gostar de dançar 1. A dança faz sentir-se bem.
Dançar envolve a expressão corporal 2. A dança envolve a expressão corporal (3).	Dançar envolve a expressão corporal 2. A dança envolve a expressão corporal
Dançar o dia-a-dia 3. Estar ligado a tudo que faz e a sua continuidade (a dança) reflete até no dia-a-dia (4).	Dançar o dia-a-dia 3. Estar ligado a tudo que faz, reflete até no dia-a-dia.
Dançar é estar se relacionando consigo e com os outros 4. É estar se relacionando com as pessoas (5). A dança faz com que as pessoas se abram mais, tornem-se mais espontâneas perante ao grupo e a si próprio (6).	Dançar é estar se relacionando consigo e com os outros 4. Faz com que relacione-se mais espontaneamente consigo e com os outros.

Análise Ideográfica:Sujeito N° 7

A dança reflete no seu dia-a-dia, faz com que se relacione mais espontaneamente consigo e com os outros. Para o sujeito nº 7, dançar envolve a expressão corporal e o faz sentir-se bem.

Sujeito Nº 8

O que é isso, vivenciar a dança pra você?

Há, **[(1) é gostoso dançar], [(2) acho que é uma forma de você se integrar na sociedade]** né? Por exemplo se você vai numa festa, geralmente se você não sabe dançar você fica lá no canto esquecido, agora se você já sabe dançar é diferente, se você for convidado você dança com alguém, você pode convidar alguém pra dançar, **[(3) é uma forma de você estar integrado no ambiente né? na sociedade].**

[(4) Uma forma também de você, sei lá, se expressar], [(5) fazer uma expressão corporal], [(6) liberar os movimentos do corpo], [(7) ajuda né? na desenvoltura, até do próprio caminhar da gente], sei lá, ajuda um pouco, [(8) você se soltar, soltar o corpo né? Relaxar].

Sujeito Nº 8

Unidades de significado	Redução fenomenológica
1) É gostoso dançar.	1) É gostoso dançar.
2) Acho que é uma forma de você se integrar na sociedade.	2) É uma forma de se integrar na sociedade.
3) É uma forma de você estar integrado no ambiente, né? na sociedade.	3) É uma forma de estar integrado no ambiente, na sociedade.
4) Uma forma também de você, sei lá, se expressar.	4) É uma forma de expressar-se.
5) Fazer uma expressão corporal.	5) É uma forma de fazer uma expressão corporal.
6) Liberar os movimentos do corpo.	6. É uma forma de liberar os movimentos do corpo.
7) Ajuda, né? na desenvoltura até do próprio caminhar da gente.	7) A dança ajuda na desenvoltura até do próprio caminhar.
8) Você se soltar, soltar o corpo, né? relaxar.	8) Ajuda a soltar e a relaxar o corpo.

Sujeito N° 8

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
O gostar de dançar 1. É gostoso dançar (1).	O gostar de dançar 1. É gostoso dançar.
A Integração pela dança 2. É uma forma de se integrar na sociedade (2). É uma forma de estar integrado no ambiente, na sociedade (3).	A Integração pela dança 2. É uma forma de estar integrado na sociedade.
Dançar envolve a expressão corporal 3. É uma forma de expressar-se (4). É uma forma de fazer uma expressão corporal (5).	Dançar envolve a expressão corporal 3. Dançar é uma forma de expressão corporal.
Os movimentos mais soltos e naturais 4. É uma forma de liberar os movimentos do corpo (6). Ajuda a soltar e a relaxar o corpo (8).	Os movimentos mais soltos e naturais 4. Ajuda a soltar e relaxar o corpo.
Dançar o dia-a-dia 5. A dança ajuda na desenvoltura até do próprio caminhar (7).	Dançar o dia-a-dia 5. A dança ajuda na desenvoltura do caminhar.

Análise Ideográfica:Sujeito N° 8

Para o sujeito nº 8, dançar é uma forma de expressão corporal que ajuda a soltar e relaxar o corpo, ajuda na desenvoltura do caminhar e é gostoso. Também é uma forma de estar integrado na sociedade.

Sujeito N° 9

O que isso, vivenciar a dança para você?

Há, **[(1) vivenciar a dança, é gostoso]** que, **[(2) socialmente é bom né que, quando vai assim numa festa, não dançava antes, me sentia jogado de lado assim, o pessoal todo dançando e eu aqui, ficava sozinho, aí agora não, agora aprendeu um pouquinho já perdeu um pouco de inibição, tá divertindo mais, conversa mais, até fala sobre música, aprende vários passos].**

[(3) Pra mim tá sendo gostoso né? Além de conhecer muitas pessoas], [(4) eu sou muito tímido, não parece mais eu sou tímido pra caramba, agora já perdi, tô meio, mais solto com o pessoal], pra mim é isso, que mais?

Sujeito N° 9

Unidades de significado	Redução fenomenológica
1) Vivenciar a dança é gostoso.	1) Vivenciar a dança é gostoso.
2) Socialmente é bom né, que quando vai assim numa festa, não dançava antes, me sentia jogado de lado, assim, o pessoal todo dançando e eu aqui, ficava sozinho, aí, agora não, agora aprendeu um pouquinho, já perdeu um pouco de inibição, tá divertindo mais, conversa mais, até fala sobre música, aprende vários passos.	2) Socialmente é bom, melhora a inibição. Diverte-se e conversa mais.
3) Pra mim tá sendo gostoso, né? Além de conhecer muitas pessoas...]	3) É gostoso estar conhecendo pessoas.
4) Eu sou muito tímido, não parece, mas eu sou tímido pra caramba, agora já perdi, tô mais solto com o pessoal.	4) É melhorar a timidez, é estar mais solto com o pessoal.

Sujeito N° 9

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
O gostar de dançar 1. Vivenciar a dança é gostoso (1).	O gostar de dançar 1. Vivenciar a dança é gostoso.
Dançar é estar se relacionando 2. Socialmente é bom, melhora a inibição. Diverte-se e conversa mais (2). É gostoso estar conhecendo pessoas (3). É melhorar a timidez, é estar mais solto com o pessoal (4).	Dançar é estar se relacionando 2. A dança melhora a timidez possibilitando se relacionar mais.

Análise Ideográfica:Sujeito 9

O sujeito nº 9 pensa ser gostoso vivenciar a dança. Melhora a sua timidez possibilitando relacionar-se mais.

Sujeito N° 10

O que isso, vivenciar a dança pra você?

Sei lá, **[(1) eu acho que é uma coisa que você descontraí] né, e ao mesmo tempo tá mexendo, [(2) eu acho que a dança ela faz mexer com seu corpo físico e mental], acho que é isso, [(3) acho que ao mesmo tempo que você tá agilizando teu corpo você tá relaxando sua mente], que por mais que você tente, sei lá, a eu tenho que aprender, eu tenho que dançar, assim, mesmo assim [(4) eu acho que não deixa de ser um relaxamento].**

É isso que eu te falei, **[(5) eu acho que é uma coisa você descontraí, [(6) uma coisa que você se exercita bastante], [(7) pra mim é isso, é importante você tá bem consigo mesmo né, com as pessoas que estão com você], é isso.**

Sujeito N° 10

Unidades de significado	Redução fenomenológica
1) Eu acho que é uma coisa que você descontraí.	1) É uma coisa que descontraí.
2) Eu acho que a dança ela faz mexer com seu corpo físico e mental.	2) A dança mexe com seu corpo físico e mental.
3) Acho que ao mesmo tempo que você tá agilizando teu corpo, você tá relaxando sua mente.	3) Ao mesmo tempo agiliza o corpo e relaxa a mente.
4) Eu acho que não deixa de ser um relaxamento.	4) Não deixa de ser um relaxamento.
5) Eu acho que é uma coisa que você descontraí.	5) É uma coisa que descontraí.
6) Uma coisa que você se exercita bastante.	6) É uma coisa que exercita.
7) Para mim é isso, é importante você tá bem consigo mesmo, né, com as pessoas que estão com você.	7) Com a dança você está bem consigo e com as pessoas que estão com você.

Sujeito N° 10

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
Os movimentos mais soltos e naturais 1. É uma coisa que descontraí (1). Não deixa de ser um relaxamento (4). É uma coisa que descontraí (5).	Os movimentos mais soltos e naturais 1. Acha que a dança descontraí e relaxa.
Mexendo com o corpo físico e mental 2. A dança mexe com teu corpo físico e mental (2). Só mesmo tempo agiliza o corpo e relaxa a mente (3). É uma coisa que exercita (6).	Mexendo com o corpo físico e mental 2. A dança mexe com o corpo físico e mental.
Dançar é estar se relacionando consigo e com os outros 3. Com a dança, você está bem consigo e com as pessoas que estão com você (7).	Dançar é estar se relacionando consigo e com os outros 3. Com a dança, está bem consigo e com as pessoas que estão com você.

Análise Ideográfica:Sujeito nº 10

O sujeito nº 10 percebe que a dança mexe com o corpo físico e mental, acha que descontraí e relaxa. Com a dança está bem consigo e com as pessoas que o rodeiam.

Sujeito N° 11

O que é isso, vivenciar a dança para você?

Olha, eu acredito assim, pela deficiência né, a gente as vezes vive num mundo, eu não sei se é num mundinho isolado, a gente é que se isola do mundo, por que tudo pra gente é mais complicado, difícil é pra todo mundo, mas pra gente é mais complicado né, então eu tenho vontade assim de sair, de dançar, sabe de curtir mesmo como a menina, tudo, mas o que a gente não tem é muita oportunidade, por que numa danceteria é tudo cada um por si né, ninguém vai ficar prestando atenção se você tem alguma dificuldade ou não, então a minha amiga, até ela saía com as primas tal, mas eu nunca tive assim, companhia mesmo de falar: — mas eu vou você vai com a gente tal, não vai se sentir perdida né, e **[(1) eu comecei a gostar bastante né da gente estar participando, de estar aprendendo]**, embora eu não participe tanto, mas nas vezes né? **[(2) Acho que a gente tem que ter segurança e isso mostra que não é pela deficiência que você não pode fazer o que as outras pessoas fazem, pode fazer, dá pra gente fazer sim]**, **[(3) você sente mais no mundo, mais integrado sabe com a juventude, não fica aquela coisa de ficar ali enferrujada no cantinho]** né, então eu acho super interessante esse trabalho né dela, e a gente tem vontade de participar mais, mas é que às vezes dá aquela preguiça de sair no domingo de manhã né? E aí fica naquela, eu tô aprendendo mais eu nem saio pra por em prática nada assim, mas é sempre muito bom você tá sabendo, **[(4) além de você ter mais equilíbrio pra tudo, até pra andar mesmo]** né, mas **[(5) quanto tiver uma oportunidade de você tá num lugar, numa festa, alguma coisa, começar o pessoal a dançar, você já não vai ficar ali sentado num cantinho, você vai participar também]** né?

Eu acho super legal, super bonito esse trabalho dela né, eu acho que é assim, a gente se sente mais no mundo mesmo né, não fica tão isolado assim.

[(6) Acho que vivenciar é você poder se sentir mais assim, mais normal mesmo] sabe, [(7) você ter segurança no que faz], [(8) é você estar vivendo a cada dia com menos, menos distância de tudo] né, [(9) acho assim que você tá vivenciando, você tá aprendendo, tá pondo em prática], é mais ou menos tudo isso, [(10) é você ter certeza de que você pode também, como qualquer outra pessoa, que você pode chegar, você pode dançar, não tá tudo tão isolado, tudo tão distante assim], ao meu ver é assim.

Sujeito Nº 11

Unidades de significado	Redução fenomenológica
1) Eu comecei a gostar bastante, né, da gente estar participando, de estar aprendendo.	1) Gosta de estar participando e de estar aprendendo.
2) Acho que a gente tem que ter segurança e isso mostra que não é pela deficiência que você não pode fazer o que as outras pessoas fazem, pode fazer, dá pra gente fazer sim.	2) É ter segurança e mostrar que não é pela deficiência que não pode fazer o que as outras pessoas fazem.
3) Você sente mais no mundo, mais integrado, sabe, com a juventude, não fica aquela coisa de ficar ali enferrujada no cantinho.	3) É sentir-se mais integrado com a juventude.
4) Além de você ter mais equilíbrio pra tudo, até pra andar mesmo.	4) É ter mais equilíbrio até mesmo para andar.
5) Quando tiver uma oportunidade de você tá num lugar, numa festa, alguma coisa, começar o pessoal a dançar, você já não vai ficar ali sentado num cantinho, você vai participar também.	5) É participar quando tiver uma oportunidade de dançar.
6) Acho que vivenciar é você poder se sentir mais assim, mais normal mesmo.	6) É sentir-se mais normal.
7) Você ter segurança no que faz.	7) É ter segurança no que faz.
8) É você estar vivendo a cada dia com menos, menos distância de tudo.	8) É estar vivendo com menos distância de tudo.
9) Acho assim que você tá vivenciando, você tá aprendendo, tá pondo em prática.	9) É estar aprendendo e pondo em prática.
10) É você ter certeza de que você pode também, como qualquer outra pessoa, que você pode chegar, você pode dançar, não tá tudo tão isolado, tudo tão distante assim.	10) É ter certeza de que pode dançar e não está tudo tão isolado.

Sujeito N° 11

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
Dançar é estar aprendendo. 1. Gosta de estar participando e de estar aprendendo (1). É estar aprendendo e pondo em prática (9).	Dançar é estar aprendendo. 1. É estar aprendendo, participando e pondo em prática.
Viver como uma pessoa não deficiente 2. É ter segurança e mostrar que não é pela deficiência que não pode fazer o que as outras pessoas fazem (2). É sentir-se mais normal (6). É ter segurança no que faz (7).	Viver como uma pessoa não deficiente 2. A dança como meio de sentir-se mais normal para ter segurança no que faz.
A Integração pela dança 3. É sentir-se mais integrado com a juventude (3). É participar quando tiver uma oportunidade de dançar (5). É estar vivendo com menos distância de tudo (8). É ter certeza de que pode dançar e não está tudo tão isolado (10).	A Integração pela dança 3. Com a dança se sente mais integrado, com menos distância de tudo.
Dançar o dia-a-dia 4. É ter mais equilíbrio até mesmo para andar (4).	Dançar o dia-a-dia 4. A dança dá mais equilíbrio para andar.

Análise Ideográfica:Sujeito N° 11

A dança possibilita o sujeito nº 11 a sentir-se mais normal e estar mais integrado ao mundo. Gosta de estar aprendendo e percebe que seu andar está mais equilibrado.

Sujeito N° 12

O que é isso, vivenciar a dança pra você?

Pra mim..., como assim vivenciar a dança, fazer a dança? Acho que a dança é super importante, eu acho assim que não existe a pessoa que não goste de dançar, existe a que não sabe não, né porque a partir do momento que a pessoa consegue dançar, tem a ginga pra dançar, ela acaba gostando né, porque normalmente quem não gosta é porque não tem gingado pra dançar né, **[(1) e a dança principalmente pro deficiente ela é muito importante, principalmente pra gente soltar né, a gente se soltar né]**, eu mesmo não tenho muito equilíbrio, dançar sozinha pra mim é um problema, nossa, eu tombo para um lado, a me confundo com minhas pernas sabe, é um problema, mas assim a dança é muito importante.

Eu gosto...

Pra mim **[(2) o fazer a dança é muito importante, é muito legal se entrosar com todo mundo]**, **[(3) você ter mais agilidade]**, acho que a dança é mais pra isso, é difícil uma pessoa que faz dança que não é extrovertida, não é uma pessoa assim uma pessoa sociável vai, é muito difícil. Há, pra mim **[(4) o viver a dança é isso, é viver dentro desse mundo, é viver assim com as pessoas que são mais alegres, pra mim a dança é isso, quando o pessoal fala aula de dança, eu já imagino todo mundo pulando, dançando, dando risada]** sabe, é... pra mim aula é isso, acho que é mais ou menos isso.

[(5) Vivenciar a dança pra mim é estar no meio do pessoal alegre, tá nomeio de alegria, pessoal cantando, sabe dançando], porque se você tá dançando é porque você tá ouvindo alguma música, se você tá escutando alguma

música, você começa a cantar junto, então é um clima super gostoso, bem alegre, viver a dança pra mim é isso.

Sujeito N° 12

Unidades de significado	Redução fenomenológica
1) A dança principalmente pro deficiente, ela é muito importante, principalmente pra gente soltar, né, a gente se soltar.	1) É importante para o deficiente, principalmente para se soltar.
2) O fazer a dança é muito importante, é muito legal se entrosar com todo mundo.	2) O fazer a dança é importante para se entrosar.
3) Você tem mais agilidade.	3) É importante para ter mais agilidade.
4) O viver a dança é isso, é viver dentro desse mundo, é viver assim com as pessoas que são mais alegres, pra mim a dança é isso, quando o pessoal fala aula de dança, eu já imagino todo mundo pulando, dançando, dando risada.	4) O viver da dança é estar dentro de um mundo onde as pessoas são mais alegres.
5) Vivenciar a dança pra um é estar no meio do pessoal alegre, tá no meio de alegria, pessoal cantando, sabe, dançando.	5) Vivenciar a dança é estar no meio do pessoal alegre, cantando e dançando.

Sujeito N° 12

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
Os movimentos mais soltos e naturais. 1. É importante para o deficiente, principalmente para se soltar (1).	Os movimentos mais soltos e naturais. 1. É importante para soltar-se.
Dançar é estar se relacionando consigo e com os outros 2. O fazer a dança é importante para se entrosar (2).	Dançar é estar se relacionando consigo e com os outros 2. Fazer dança é importante para se entrosar.
Viver a dança é estar com as pessoas alegres. 3. O viver a dança é estar dentro de um mundo onde as pessoas são mais alegres (4). Vivenciar a dança é estar no meio do pessoal alegre, cantando e dançando (5).	Viver a dança é estar com as pessoas alegres. 3. O viver a dança é estar com as pessoas alegres.
A dança dá agilidade 4. É importante para ter mais agilidade (3).	A dança dá agilidade 4. A dança dá agilidade.

Análise Ideográfica:Sujeito nº 12

O sujeito nº 12 acha que a dança é importante para se soltar e dá mais agilidade ao corpo. Possibilita se entrosar bem como estar no meio das pessoas alegres.

Sujeito Nº 13

O que é isto, vivenciar a dança para você?

R: Vivenciar a Dança... É uma pergunta inclusive que eu gosto, porque vivenciar acho que é o verbo mais apropriado pra isso, né? **[(1) Porque o vivenciar pra mim, não é só a hora que eu venho fazer aula com a H., ou vou fazer aula nos Estados Unidos, ou vou no ensaio, é fora também]**, porque a gente não é... Você sabe que o corpo é a unidade psicossomática é o ser humano, então é o corpo, mente e alma, então não adianta você vir aqui, malhar quinhentos passés, oitocentos developpés depois você sai daqui, esqueceu. E tem que usar realmente o que..., incorporar, o que os americanos falam anybody, anybody, é o tudo de conhecimentos, né **[(2) então é esse incorporar para mim]**, **[(3) está no dia-a-dia]** que meu eu estar falando com você, mas eu estou consciente que o meu corpo está a esta distância da parede, aqui no chão, aqui com aquela panela, com aquela ponta, com os espelhos, então é um todo né, a questão é espacial, questão kinestética mesmo, de que toda questão de corpo, posição de músculos, anatômico, né, questão das, eu não sei como se chama isso em português, a gente usa proprioceptors, né, são aquelas terminações nevosas bem, bem lá no, bem no interior do ser humano que despertam para a sensação tátil de vento, de calor, temperatura, mede a altura, tudo né, então os proprioceptors que a gente... estão aí, despertos para tudo e com isto, este conjunto de músculos, de tendões, de cartilagens, de pele, de sensação de cabelo, a unha também sente né, então tudo isso, a gente leva pro dia-a-dia, então não adianta eu sair daqui toda maravilhosa, suada, malhada, depois desabo numa cama, sinto assim (mostra), não penso no pé que está caído, se eu estou com a cervical toda assim, não adianta, né? **[(4) Então, eu falo que vivenciar, isto é o dia inteiro]**, **[(5) então, você vê isto nas coisas**

mais simples até pentear o cabelo], se você penteia com a risca, por exemplo, pra cá e faz assim (mostra), já é um trabalho físico, agora já se você penteia assim, não estou nem aí, você não está sentido este vivenciar da escova, que passa por aqui e desce aqui, você não sente este vivenciar mesmo né, **[(6) então, vivenciar tem tudo]**, na questão que eu ponho a minha voz, que voz também é corpo, eu também estou estudando, agora vou entrar no foniatra, vou estudar teatro, que eu falo muito depressa, é uma mania minha, é que eu penso muito rápido, mas a ação, eu penso muito mais rápido que a ação, não é, como dizem? Então, eu quero controlar isso, que meu timbre de voz, graças a Deus, ele é bom e eu quero moldá-lo também para o teatro, e voz é parte do corpo que muita gente fala: — não, tem que ser muda, não pode falar. É também parte do corpo, mas tudo muito orgânico. **[(7) Então, pra mim, a palavra chave do meu vivenciar a dança é: Orgânico]**, tudo que é orgânico, então não adianta fazer um lindo port de bras, se não sai de mim isto, você viu como a H. falou hoje na aula: — Gente, dança, e **[(8) dançar não é forma] [(9) não é estereótipo]**, **[(10) não é fazer aquela quinta que você se quebra toda]**, **[(11) se eu não estou vivenciando aquela quinta posição, pra mim é falso né, falso porque eu não tô sentido aquilo]**, então o orgânico. Agora nos Estados Unidos, a linha que está se tornando cada vez mais é o movimento autêntico, eles chamam, porque que é autêntico? Porque é autêntico porque só sai de você se você tá sentido, se eu tô aqui nessa posição (mostra) e eu não quero me mexer por cinco horas, eu não vou me mexer, porque eu tô sendo autêntica, eu só vou me mexer quando eu começar a sentir (mostra), a mão tá indo pra lá, essa tá indo pra cá, sobe aqui, a cabeça tá indo pra lá, então **[(12) eu está vivenciando, então tá sendo autêntico]**, agora se eu fosse sentar aqui e começar a mexer lá (mostra fora), já não é mais por que eu não tô ouvindo meu corpo, então **[(13) nesta questão do**

vivenciar, você tem os proprioceptors, você tem o *ouvir*, e ouvir não é só audição, o ouvir, você deve saber, você tá estudando, aí com teu magistério, teu mestrado, você deve tá estudando que o ouvir vem de tudo, é um conjunto, é a audição, é a pele, é o cabelo, é a unha, tudo está ouvindo e está ouvindo o teu querer também] se eu não quero fazer isto que eu estou fazendo agora, ir pro Estados Unidos, batalhar lá ou estar aqui com você, não vou ouvir nada, então me fecho, então todos os meus canais abertos a minha sensibilidade, agudizados a estas pontas eles vão se fechar, então com esse bloqueio eu fecho também os meus músculos, eu tenciono os meus tendões, daí acaba que acontece, tem hora que começa haver tendinite, começa haver inflamações, desvios de coluna, né, dores musculares intensíssimos, né, porque? Porque eu estou me fechando. **[(14) Então a minha questão do meu vivenciar é o fluir, do como? pela minha organicidade que me leva ao movimento autêntico]** é isso que eu acredito, e a dança o momento por si só, eu não dependo de alguém falar pensa no passarinho que está voando, é uma visão antiga pra mim, pensa na música que está tocando, a música que agora eu segui na aula é porque a gente segue clássico tem que seguir a pauta da música? Mas por mim, eu danço muito em silêncio porque o silêncio, ele faz você ouvir o mais, então você ouve o barulho do avião que está passando agora, o pessoal que tá falando na outra sala, meu pulsar, o meu coração, o latejar, o nosso suor, então a gente tem tudo um som por mais mínimo que seja, então eu tô ouvindo aquilo lá agora se eu não quiser ouvir, eu me fecho e não ouço nada, **[(15) então dançar em si, isto pra mim é muita coisa]** e agora cada vez mais é a dança separada da música e de outras concepções de outras manifestações artísticas, isso não quer dizer que eu estou negando as outras mas eu posso até fazer o que eles falam collaboration com outras artes né, mas elas vem cada uma com sua

integridade, então eu vou ter uma integridade da minha dança, o pintor da sua pintura, o escultor da sua escultura, o músico da sua música e isto não quer dizer que a gente não trabalha em conjunto, mas cada um independente, de alguma maneira ou outra vai se interagir e elas vão se interagir, mas não vai ser obrigatoriamente eu dançar aquele pulsar, com aquele determinado ritmo, **[(16) eu vou dançar o que meu movimento está me orientando]**, não gosto de falar a palavra mandar mas o que está me orientando ou me guiando ou me levando a, mas nada é imposto, não é? é claro, a gente só consegue isso com técnica, não vou dizer se eu, como eu ia ficar cinco horas aqui, né, depois vou me mexer, é uma técnica também e muito trabalhosa e muito menosprezada também porque o pessoal ainda não está entendendo essa coisa de como é se mexer porque pelos tabus, sociedade, tudo é imposto, é rápido, tudo é produto, não se vê o processo **[(17) então, o que eu priorizo realmente é o processo]**, então essa coisa que leva mexer, essa mão (mostra) que está aqui em cima me levou daqui e foi até aqui, mas não foi assim que ela foi de um lado para outro (mostra), ela veio com um tempo, com espaço, com um trabalho que veio do osso passa para os músculos, os músculos passou aqui, chegou aqui (mostra), e esta coisa não ficou folgada aqui, ela tem uma vida aqui, **[(18) então tudo tem o seu vivenciar]**, o que você me perguntou, **[(19) então esse vivenciar, ele engloba muitas coisas]**, que o pessoal ouvia, negligencia, não está nem aí, ou não quer ver, e dá muito medo isto também **[(20) então para você romper com estas barreiras do teu corpo, é você também romper teus medos, teus tabus internos, que não é só o exterior que te põe você mesma se põe isso]**, não é? Eu vou sair na rua aí, e vem um ladrão lá e me tira a bolsa, ou vou sair, tem um loucão aí e bate no meu carro, claro, a gente viveu um risco mas se a gente não tomar cuidado e ir com cautela, mas sai e tá sobre

este risco, você nunca vai vivenciar isso que a dança é a mesma coisa, **[(21) se você não se expõe para isto com uma cautela, com cuidado, com um trabalho apropriado, então nunca você vai vivenciar isso, você perde aquela magia]**, aquela coisa, a Dança não é mais como antigamente que era, ora vamos dançar o quebra-nozes, a princesa lá em cima, o lago aqui, o rei do outro lado, não tem mais isso, **[(22) agora a Dança é ligada ao dia-a-dia, ao cotidiano]**, como é que eu pago a minha conta de luz no final do mês, como é que eu vou terminar esse teu mestrado, **[(23) essa experiência que fica, do viver, do dia-a-dia]**, **[(24) das barreiras]**, é o que a gente fala lá muito, **[(25) é o poder dos limites também, da minha cegueira, eu tô abrindo o meu próprio espaço, com as minhas limitações, mas em vez de eu tê-las realmente como limitações, pra mim eu expando elas]**, então eu as estou expandindo, abrindo mais para que eu possa dentro do meu próprio espaço eu fazer o máximo, **[(26) então eu querer fazer mais, mais, mais dentro das minhas possibilidades como ser humano, como mulher, como mulher latina, como cega]**, não é? Então é tudo isso, acho que é um compendio de tudo isso, que vai, vai por aí a fora, vai dar horas, mas eu resumo pra você, adoro que em poucas palavras mais ou menos é isso, **[(27) esse vivenciar que engloba tua percepção em todos os sentidos]**, **[(28) o teu querer ou vir]** e também **[(29) teu querer ver e ver, não é só com os olhos, a gente vê com a alma, vê com a mente, vê com a vontade, vê com tudo]**, é um conjunto isso também, então ver e ouvir, né? Então a pessoa fala: ah, mas você dança só ouvindo a música? Não, não é isso. **[(30) Eu danço ouvindo o que meu interior me pede]**, se eu não ouço meu interior posso ficar horas, eu fico horas sem me mexer porque não pintou aquela coisa que vai e se mexe, que também a quietude é

artístico, mas claro você tem uma quietude com consciência, [(31) então outra palavra também chave é consciência], [(32) consciência do meu corpo], [(33) consciência da minha atitude], que eu estou aqui neste espaço, [(34) consciência espacial], [(35) consciência de você, que estou interagindo com você verbalmente], [(36) consciência de tudo], então [(37) essa consciência que me permite eu entrar nos meus próprios canais de ver e de ouvir], [(38) de sentir mesmo] e [(39) de vivenciar que o vivenciar eu digo é a palavra que engloba tudo isso], bom eu não sei se fui clara...

Sujeito N° 13

Unidades de significado	Redução fenomenológica
1) Porque o vivenciar pra mim não é só na hora que eu venho fazer aula com a H. ou vou fazer aula nos EUA ou vou no ensaio, é fora também.	1) O vivenciar a dança não é só nas aulas ou nos ensaios. É fora também.
2) Então (a dança) é esse incorporar pra mim.	2) A dança é esse incorporar.
3) Está (a dança) no dia-a-dia.	3) A dança está no dia-a-dia.
4) Então eu falo que vivenciar isto (a dança) é o dia inteiro.	4) Vivenciar a dança é o dia inteiro.
5) Então, você vê isto (a dança) nas coisas mais simples, até pentear o cabelo.	5) É ver a dança nas coisas mais simples.
6) Então vivenciar tem tudo.	6) Vivenciar tem tudo.
7) Então pra mim a palavra chave do meu vivenciar a dança é: Orgânico.	7) A palavra-chave do vivenciar a dança é o orgânico.
8) Dançar não é forma	8) A dança não é forma.
9) Não é estereótipo.	9) A dança não é estereótipo.
10) Não é fazer aquela quinta que você se quebra toda.	10) Não é quebrar-se toda para fazer aquela quinta posição.
11) Seu eu não estou vivenciando aquela quinta posição, pra mim é falso né, falso porque eu não tô sentindo aquilo.	11) Se não está vivenciando a quinta posição é falso porque não está sentindo.
12) Eu estou vivenciando então tá sendo autêntico.	12) Vivenciar é estar sendo autêntico.

13) Nesta questão do vivenciar você tem os proprioceptors, você tem o ouvir, e ouvir não é só audição... é um conjunto, é a audição, é a pele, é o cabelo, é a unha, tudo está ouvindo e esta ouvindo o teu querer também.	13) É ouvir o seu querer, ouvir não somente a audição mas sim um conjunto.
14) Então a minha questão do meu vivenciar é o fluir, do como? Pela minha organicidade que me leva ao movimento autêntico.	14) É o fluir pela organicidade que leva ao movimento autêntico.
15) Então dançar em si pra mim é muita coisa.	15) Dançar em si é muita coisa.
16) Eu vou dançar o que meu movimento está me orientando.	16) É dançar o que o movimento está orientando.
17) Então o que eu priorizo realmente é o processo.	17) É priorizar o processo.
18) Então tudo tem o seu vivenciar.	18) Tudo tem o seu vivenciar.
19) Então esse vivenciar, ele engloba muitas coisas.	19) Vivenciar engloba muitas coisas.
20) Então para você romper com estas barreiras do teu corpo, é você também romper teus medos, teus tabus internos, que não é só o exterior que te põe você mesma se põe isso.	20) É romper com as barreiras do teu corpo, teus medos, tabus, que vem do exterior e do interior também.
21) Se você não se expõe para isto (a dança) com cautela, com cuidado, com um trabalho apropriado, então nunca você vai vivenciar isso (a dança), você perde aquela magia.	21) Vivenciar é se expor para a dança com cautela, com um trabalho apropriado para não perder aquela magia.
22) Agora a dança é ligada ao dia-a-dia, ao cotidiano.	22) A dança é ligada ao dia-a-dia.
23) Essa experiência que fica, do viver, do dia-a-dia.	23) É a experiência que fica do viver, do dia-a-dia.
24) Das barreiras.	24) É a experiência das barreiras.
25) É o poder dos limites também, da minha cegueira, eu tô abrindo o meu próprio espaço, com as minhas limitações, mas em vez de eu tê-las realmente como limitações, pra mim eu expando elas.	25) É perceber o poder dos limites, e em vez de tê-los como limitações, é abrir o próprio espaço. É expandi-los.
26) Então eu querer fazer mais, mais, mais, dentro das minhas possibilidades, como ser humano, como mulher, como mulher latina, como cega.	26) É querer fazer mais, dentro das possibilidades como ser humano, como mulher, como cega.
27) Esse vivenciar que engloba tua percepção em todos os sentidos.	27) É englobar a percepção em todos os sentidos.
28) O teu querer ouvir.	28) É o querer ouvir.

29) Teu querer ver, e ver você..., que não é só com os olhos, a gente vê com a alma, vê com a mente, vê com a vontade, vê com tudo.	29) É o querer ver, não só com os olhos mas com a alma, com a mente, com a vontade, com tudo.
30) Eu danço ouvindo o que meu interior me pede.	30) É dançar ouvindo o que o interior pede.
31) Então outra palavra chave é consciência.	31) Outra palavra chave é consciência.
32) Consciência do meu corpo.	32) É consciência do corpo.
33) Consciência da minha atitude.	33) É consciência das atitudes.
34) Consciência espacial.	34) É consciência espacial.
35) Consciência de você (o outro), que estou interagindo com você verbalmente.	35) É consciência que está interagindo com outro verbalmente.
36) Consciência de tudo.	36) É consciência de tudo.
37) Essa consciência que me permite eu entrar nos meus próprios canais de ver e de ouvir.	37) É ter consciência de entrar nos próprios canais de ver e de ouvir.
38) De sentir mesmo.	38) É consciência de sentir.
39) De vivenciar, que o vivenciar eu digo é a palavra que engloba tudo isso.	39) Vivenciar engloba tudo.

Sujeito N° 13

Convergências no Discurso	Unidades de Significado interpretadas
<p>Dançar o dia-a-dia 1. O vivenciar a dança não é só nas aulas ou nos ensaios. É fora também (1). A dança está no dia-a-dia (3). Vivenciar a dança é o dia inteiro (4). A dança é ligada ao dia-a-dia (22). É a experiência que fica do viver, do dia-a-dia (23). É ver a dança nas coisas mais simples (5).</p>	<p>Dançar o dia-a-dia 1. A dança é a experiência do dia-a-dia, nas coisas simples.</p>
<p>Dançar e esse incorporar 2. A dança é esse incorporar (2). Vivenciar tem tudo (6). Dançar em si é muita coisa (15). É dançar o que o movimento está orientando (16). É priorizar o processo (17). Tem tudo o seu vivenciar (18). Vivenciar engloba muitas coisas (19). Vivenciar é se expor para a dança com cautela, com um trabalho apropriado para não perder aquela magia (21). Vivenciar engloba tudo (39).</p>	<p>Dançar e esse incorporar 2. A dança é esse incorporar</p>

<p>A palavra-chave do vivenciar é o orgânico</p> <p>3. A palavra-chave do vivenciar a dança é o orgânico (7). Se não está vivenciando a quinta posição é falso porque não está sentindo (11). É o fluir pela organicidade que leva ao movimento autêntico (14). Vivenciar é estar sendo autêntico (12). É consciência de sentir (38).</p>	<p>A palavra-chave do vivenciar é o orgânico</p> <p>3. A palavra-chave do vivenciar a dança é o orgânico que leva a um movimento autêntico.</p>
<p>Dançar não é forma</p> <p>4. A dança não é forma (8). A dança não é estereótipo (9). Não é quebrar-se toda para fazer aquela quinta posição (10).</p>	<p>Dançar não é forma</p> <p>4. A dança não é forma e/ou estereótipo.</p>
<p>O querer ouvir</p> <p>5. É ouvir o seu querer, ouvir não somente a audição mas sim um conjunto (13). É o querer ouvir (28). É dançar ouvindo o que o interior pede (30).</p>	<p>O querer ouvir</p> <p>5. Dançar é ouvir o que seu interior pede, é ouvir o seu querer.</p>
<p>Romper barreiras e preconceitos</p> <p>6. É romper com as barreiras do teu corpo, teus medos, tabus, que vem do exterior e do interior também (20). É a experiência das barreiras (24).</p>	<p>Romper barreiras e preconceitos</p> <p>6. Romper com barreiras do corpo, medos e tabus que vem do exterior e do interior de cada um.</p>
<p>Abrir o próprio espaço</p> <p>7. É perceber o poder dos limites, e em vez de tê-los como limitações, é abrir o próprio espaço. É expandi-los (25). É querer fazer mais, dentro das possibilidades como ser humano, como mulher, como cega (26).</p>	<p>Abrir o próprio espaço</p> <p>7. Abrir o próprio espaço dentro das próprias possibilidades</p>
<p>Dançar é ter consciência de tudo</p> <p>8. É englobar a percepção em todos os sentidos (27). É o querer ver, não só com os olhos mas com a alma, com a mente, com a vontade, com tudo (29). Outra palavra chave é consciência (31). É consciência do corpo (32). É consciência das atitudes (33). É consciência de tudo (36). É ter consciência de entrar nos próprios canais de ver e de ouvir (37).</p>	<p>Dançar é ter consciência de tudo</p> <p>8. Dançar é ter consciência de tudo, do corpo, das atitudes, em todos os sentidos.</p>
<p>Dançar desenvolve a noção de espaço</p> <p>9. É consciência espacial (34).</p>	<p>Dançar desenvolve a noção de espaço</p> <p>9. Ter consciência espacial.</p>
<p>Dançar é estar se relacionando consigo e com os outros</p> <p>10. É consciência que está interagindo com o outro verbalmente (35).</p>	<p>Dançar é estar se relacionando consigo e com os outros</p> <p>10. Estar interagindo com o outro.</p>

Análise Ideográfica:**Sujeito N° 13**

O sujeito nº 13 percebe que a dança é um processo que permeia as experiências do dia-a-dia, rompe as barreiras internas e externas abrindo espaço para as próprias possibilidades. Na dança é importante a consciência de um todo e ser autêntico com os próprios sentimentos. Dançar é viver e ouvir o teu querer, é interagir com o outro, é incorporar. Dançar não é apenas uma forma e sim uma busca da organicidade através do movimento autêntico.

VII - Conversando sobre os Resultados

E na essência das coisas...

É sempre difícil definir a dança, pois corremos o risco de reduzi-la em estilos ou estratificá-la no tempo e no espaço. Portanto, trabalhar com a abordagem fenomenológica nos trouxe um universo repleto de sentidos, que mais nos relevou significados do que definições. Pudemos conhecer, explorar, investigar, refletir sobre o fenômeno com a intenção de olhar através do olhar, onde a essência que se revela é sempre a mesma, é sempre essência, porém, o que renasce são as particularidades.

As categorias aqui apresentadas são tão flexíveis e pessoais como os movimentos de cada pessoa: cada um faz nascer sua própria expressão. As perguntas que fizemos e refletimos são respostas de um mundo próprio vivido.

1. Então, por que dançamos? 2. E, no meio do caminho, pensamos... como dançar? 3. O que dançar? Um passo à frente e tudo se modifica. São as categorias que fazem convergir de acordo com suas particularidades. Até poderiam ser em outra ordem, pois estão abertas a outras reflexões. O nosso olhar é que assim se expressou. A possibilidade de novos olhares é que nos fez entender que um fenômeno é transcendente e que a essência das coisas traz para cada sujeito os seus significados.

Nosso trabalho foi realizado de acordo com os princípios da pesquisa qualitativa, porém não deixamos de perceber o valor quantitativo das coisas, porque ele está intrínseco. Se buscamos os significados dos discursos, como não relevar também o valor dos números que retratam um desejo comum, como por exemplo, da unidade *o gostar de dançar* que traz sete sujeitos exprimindo, cada um a sua maneira, o desejo ardente de adorar dançar. Portanto, sem perder a qualidade das coisas simples, estivemos atentas a este vaivém de pulsões.

Abrimos, assim, as cortinas para o último ato de uma peça onde o processo foi fundamental no decorrer de nossa criação. A dança é uma arte e, como tal, nos permite que cada momento seja um ato criativo. Através dela podemos entender o instante e, então, perceber a mutação da vida. A essência na dança é sempre original, no sentido que somos um corpo em presença no mundo, somos todos dançarinos, pois expressamos pelo corpo aquilo que somos; a dança não faz distinção ou opressão, nós é que fazemos. Buscamos, então, uma reflexão que resgate, principalmente, um sentido mais humano e mais próprio do ser.

A Dança não é apenas um fim ou um meio, ela é um começo, um meio e um fim e como diz Kazuo Ohno in Baiocchi (1995), "*Dance como uma flor que não pede licença para nascer.*"

7.1 Então, por que dançamos?

Nesta primeira categoria estaremos tratando do prazer genuíno de dançar. Então pensamos: **Por que dançar?** Esta reflexão sobre o prazer que nos proporcionou pensar na dança como necessidade germinal de nossa expressão: dançamos por puro prazer de movimentar, por estarmos vivos, pela alegria de expressarmos os sentimentos. Se realmente buscamos uma fonte, nos despimos

diante dela, assim nos entregamos a dançar, procuramos olhar além do que os olhos podem ver .

"Ainda temos necessidade de criar obras de arte para aprimorar nossos sentidos e aumentar as sensações do mundo que nos cerca, para que possamos deliciar mais com os espetáculos da vida." (Ackerman, 1992, p. 19).

Quando nos entregamos realmente a alguém, a algum desejo, nos expomos de tal maneira que modificamos nossos mais íntimos sentimentos . Deste incorporar é que encontramos a luz do nosso olhar, cada um com seu olhar, com sua própria maneira de perceber as coisas, os lugares, as pessoas. Seja por um som, uma brisa, um afago, cada um de nos percebe e concebe o mundo de uma perspectiva. Sempre temos algo a ensinar e muito a aprender.

Refletimos sobre as unidades de significado que convergimos para esta categoria, sendo elas: *o gostar de dançar, dançar o dia-a-dia, dançar é viver, dançar é ter consciência de tudo, o prazer do movimento, viver a dança é estar com as pessoas alegres, dançar é esse incorporar, a palavra chave do vivenciar é o orgânico, o querer ouvir.*

O gostar de dançar

Por que gostamos de dançar? Talvez não encontremos razões muito evidentes; talvez a sua complexidade não necessite de muitos discursos, pois está no próprio gostar mesmo; ele existe porque significa e significa porque existe.

O gostar de dançar é corpóreo, é intencional, é sensível e inteligível.

“O corpo não é apenas a sede do sensível; é também a do inteligível. O inteligível se embebeda de sangue, suor e lágrimas tanto quanto o sensível. O ser que pensa é o mesmo que sente. O ser que pensa, sem o ser que sente, já não é o ser. Se um dos dois faltar, é o mesmo que faltar tudo.” (Freire, 1991, p. 35)

E foi esse gostar de dançar que nos suscitou revelar na dança sua essência genuína, de amor, de amor que nos move e nos revela.

“...É uma coisa que eu, que eu gosto muito de fazer, eu gosto muito de dançar...” (Sujeito nº 4, unidade 5)

A experiência de dançar não separa a vivência física da emocional ou o corpo da mente, são coisas que não se separam, habitam o mesmo espaço e tempo. Mesmo que o mundo moderno de hoje trate de especializar ou especificar o corpo, ele sempre divergirá destes padrões, pois ele é, ele não tem, ele simplesmente o é.

Dançar o dia-a-dia

Desta unidade também emergiram sete (7) discursos, cheios de intencionalidade, pois os sujeitos revelaram seu próprio mundo vivido. Este universo vivido pelos sentidos e pelos olhares do corpo que ressaltaram na dança as possibilidades de se viver o dia-a-dia incorporando o aprendido.

Assim, vivenciar a dança é o dia inteiro, é essa experiência que fica. Poder perceber as coisas mais simples do cotidiano se manifestarem como uma coreografia, é algo que faz o corpo desabrochar, revelar um filme que se movimenta a cada instante.

A dança vem como meio de melhorar a própria experiência com o mundo, seja no andar ou possibilitando uma espontaneidade e soltura nos movimentos cotidianos. É nas coisas simples da vida que aprendemos a viver; melhor viver quando as experiências são para nós ricas de significados.

“Para mim a dança não é apenas uma arte que permite a alma humana expressar-se no movimento; é também a base de toda uma concepção de vida, mais flexível, mais harmoniosa, mais natural” (Duncan, Brikman, 1989, p.109)

Dançar é viver

Um sujeito destacou a dança como o viver, um viver cheio de significados. É verdade que todas as unidades estão emaranhadas, mas esta traz a vida contida na dança e a dança contida na vida.

“Vivenciar a dança, quer dizer viver ...”

(Sujeito 2, unidade 14)

Viver a dança é algo que revela a própria existência, pois a arte se confunde com a vida e a dança está contida nela. Falar de dança como viver é perceber os conflitos da vida, as angústias do corpo, as opressões sociais. Uma cultura tão diversa como a nossa ainda traz as marcas de nossa história colonizada pela repressão. Mas Dança não exclui ou escolhe um corpo, ela abriga e acolhe qualquer corpo, ela não o tem para que se cale e se submeta ao domínio daquele que possui. O corpo, somos nós e a Dança, nós a vivemos.

E como Isadora Duncan, Klauss Viana, Angel Viana, muitos outros artistas dançaram e dançam a própria existência...

Dançar é ter consciência de tudo

Assim é a dança, uma consciência¹ de tudo. Esta é uma opinião que nos parece frágil em primeira instância, porém é o tipo de depoimento que nos fez refletir sobre pontos de vista não convencionais; a arte é algo que o discurso tenta interpretar ou explicar, mas ela é sempre mais.

Então, lançamos mão de coisas que nos vivifiquem, que nos dêem sentido e que principalmente englobem num mesmo mar, todas as nossas expectativas. Tentamos dar significados para toda nossa existência. E ter consciência de tudo é uma tentativa de recuperar ou buscar o nosso corpo inerente ao ser-no-mundo².

O prazer do movimento

O prazer é algo que nos faz mergulhar em êxtase, em busca de sensações que descubram o desconhecido. Existem diversas maneiras de se buscar o prazer. Seja no sexo, na natureza, nos movimentos ou na dança, é ele que impulsiona a vida.

O prazer pelo movimento nos faz compreender os diálogos do corpo, os movimentos que não são apenas atividades físicas e/ou mecânicas, mas transfor-

¹ Consciência - Toda consciência se dirige para um mundo, no qual ela se reencontra, ao conferir-lhe um significado. O corpo é que possibilita a dialética da consciência e do mundo; ele que torna viável a presença de um sujeito intencional e a consciência é o que permite que o corpo se torne um corpo vivo, um corpo humano, um corpo no mundo. A consciência corporal é o pivô de todas as dialéticas. (Olivier, 1995, p. 86).

² O primordial ser-no-mundo do homem não é uma abstração, mas uma ocorrência concreta; acontece e se realiza, apenas, nas múltiplas formas peculiares do comportamento humano e nas diferentes maneiras dele relacionar-se às coisas e às pessoas. Ser não é uma estrutura ontológica existindo em algum *supermundo* que se manifesta uma vez ou outra na existência humana, Ser-no-mundo consiste na maneira única e exclusiva do homem existir, se comportar e se relacionar às coisas e às pessoas que encontra... (Boss in Venâncio, 1963, p.34).

mam o corpo em veículos de comunicação intensa; a própria experiência consigo, com o outro e com o mundo.

É o prazer pelo movimento que sem restrições é o corpo que somos e com naturalidade expressa nossas angústias e contradições. Sempre defrontamos com algo que é capaz de nos oprimir, e cheio de *a priores* que nos invadem sem pedir licença. Assim, a dança emerge pelo prazer e, com outra perspectiva, faz ressurgir em populações diferenciadas o que lhe foi sempre original, o vivenciar do movimento pelo puro prazer de estar em movimento.

Viver a dança é estar com as pessoas alegres

Porque será que a dança revive a alegria do encontro? Estar com as pessoas em busca da felicidade é como o aconchego de um lar, pois estar feliz é o que sempre desejamos e, mesmo que estes momentos sejam temporários, são infinitos.

Se de repente a vida nos priva de algumas coisas, com certeza não nos impede da alegria de viver. E foi com este grupo que aprendemos a perceber que a dança possui possibilidades infinitas, e que com os olhos do corpo vemos além do nosso enxergar.

Podemos e devemos sempre resgatar o que a dança nos proporciona, e um exemplo disso é ver a vida com os olhos das possibilidades, enxergar mais do que somos capazes pela retina, experimentarmos a alegria de dançar como uma única coisa original no mundo, e como bailarinos de Deus que nos inunde o corpo de

emoção, bem como, a experiência de viver e de amar em cada movimento, como um último suspiro.

Dançar é esse incorporar

Quando falamos em dança, pensamos nas imagens, nos espetáculos, nos movimentos que já olhamos ou assistimos, mas será que a linguagem do corpo se centra apenas no sentido visual? Pensamos que não, pois o sentido do corpo se embrenha ao sentido da corporeidade, portanto um corpo que dança, não é apenas um corpo que vê.

O corpo é o lugar onde a sociedade constrói sua simbolização, sua representação, seus significados; enfrenta barreiras, frustrações, alegrias compartilha e compactua. Podemos recriar velhas normas e então dar sentido aos nossos outros sentidos.

A relação do diálogo da arte com o corpo não é superficial, ele é embebido dos sentidos e dos reflexos internos e externos de nós mesmos. Como algo que possui o universo. O incorporar é esse todo, uma vivência que enraíza os pés na terra e derrama sobre nós todas as experiências com o mundo.

“... Dançar em si, pra mim é muita coisa...”

(Sujeito 13, unidade 15)

E, realmente, podemos dizer que a dança em *si* é muita coisa, e que dançar em *si* é uma experiência ainda maior, pois o corpo e a dança dependem um do outro como uma planta depende da terra para viver.

A palavra chave do vivenciar é o orgânico

A idéia constante de um diálogo entre o corpo e a dança é que nos faz manter viva a chama da paixão. O homem sempre se ligou ao fisiologismo do corpo, e ainda aceita a idéia de ser escravo de seus próprios neurônios, é um fugitivo do próprio ser; as relações entre o corpo e o espírito ainda são algo inorgânico.

Do ponto de vista da fenomenologia, o corpo não rompe com o espírito, ele é o que somos e reaprendemos a todo instante com ele. O orgânico é quando, a todo e qualquer momento, nos reencontramos com nossa natureza, e nos deixamos invadir por uma dança que nos faz sujeitos da própria percepção.

“... Se o corpo não é um objeto transparente e dado por sua lei de constituição assim como o círculo ao geômetra, se ele é uma unidade expressiva que só quando assumida se pode aprender a conhecer, então essa estrutura vai se comunicar ao mundo sensível... Mas, retomando assim o contato com o corpo e com o mundo, é também a nós mesmos que iremos reencontrar...”
(Merleau-Ponty, 1994, p. 278)

O querer ouvir

O querer ouvir nos fala mais do que a audição quer dizer, ou seja, não trata apenas de um conjunto de órgãos que são responsáveis pela interpretação do som mas, o querer ouvir traduz o dançar que nosso interior pede, o dançar que nossa pele sente; nossa pele que faz contato com o mundo externo, ouve de dentro para fora, e de fora para dentro.

O prof. Condon, in Davis (1979), diz que em questão de segundos o corpo

humano dança continuamente ao compasso do próprio discurso, e que quem escuta também mexe em sincronia com o discurso de quem fala. Assim, a linguagem do movimento é cheia de riquezas que nem sempre vemos, e que bom que não as vemos, pois o mistério da dança é podermos respirar a intencionalidade no ar, e percebermos que a vida é cheia de desejos impalpáveis, mas os sentimos como se fossem reais aos nossos olhos.

E por que dançar? Dançar porque gostamos muito de dançar...

7.2 E no meio do caminho, pensamos... como dançar?

Nesta segunda categoria, refletimos sobre o ***como dançar***, no sentido de estar pensando sobre as modificações que acontecem no corpo. Como dançar? Dançar conhecendo os movimentos mais soltos e naturais, dançar interferindo na postura, na sua autoconfiança, desenvolvendo noção de espaço, dando agilidade ao corpo, conhecendo não apenas formas do corpo, mas mexendo com o corpo de maneira integrada, possibilitando um processo múltiplo de vivências para os alunos. Aprendendo e estando abertos para o mundo onde buscamos a cada dia nosso crescimento corporal, nossa presença no mundo.

Então, o como dançar não traz formas preestabelecidas de dança. Dança-se como desejar, mas tentando buscar o próprio universo corporal que aprendemos em experiências coletivas e pessoais, buscando sempre com a dança a experiência do sensível.

Reunimos aqui as seguintes unidades de significados: *os movimentos mais soltos e naturais, dançar interfere na postura, dançar desenvolve a noção de espaço, a dança dá agilidade, possibilita o desenvolvimento corporal, dançar é*

autoconfiança, dançar envolve a expressão corporal, dançar é estar aprendendo, dançar não é forma, mexendo com o corpo físico e mental.

A inflação do consumo corporal não quer dizer necessariamente que aumentamos nossas possibilidades, ou que escutamos melhor o nosso corpo. Ele se exhibe nas ondas do consumo e se fragmenta a cada novo modelo surgido. Este é um confronto, um embate que devemos refletir como rotina, pois quando trabalhamos a dança não podemos abrir mão da responsabilidade de "estarmos com as mãos" no corpo do outro ou no próprio corpo.

Tudo o que somos sempre esteve em nós, tudo o que principia vem da própria pessoa, o corpo não deve ser apenas a superfície dos tempos, pois aquele que está apenas na superfície vive para servir e ser usado como uma máquina que aos poucos se torna obsoleta.

A dança não está livre destas amarras, pois o que vemos hoje são tendências que cada vez mais a levam a distanciar o corpo da própria casa, o lugar que habitamos. Desta maneira é que não nos interessamos nas formas que o corpo é capaz de fazer e sim nas formas que residem em nós; se dançar é algo que resgata os movimentos de maneira mais natural, interfere em nossa postura, dá agilidade ou noção de espaço, é porque a dança nos permite incorporar cada coisa no seu próprio lugar, lugar este que é a nossa casa, uma intimidade que ressurge a cada experiência.

*"O homem sem consciência de si, para si, é um ser silencioso e vazio que ainda não se sabe como sujeito."
(Novaes, 1988, p. 12)*

A pessoa portadora de deficiência visual experimenta a dança sem as referências do nosso mundo visual, ou com poucas informações das imagens; seu

mundo referente é do tato, do auditivo, do cinestésico, do gustativo, do olfativo. Um mundo também recheado de sabores e experiências que podemos receber e oferecer em busca de um aprendizado rico em subjetividade.

Cada pessoa vivencia seu corpo-próprio³. Portanto abarca nossa vida como todo. E a dança, como função existencial, é um cristal com muitas arestas. Nós não propomos soluções, muito menos definições, pois na dança não existem soluções definitivas, ela é uma arte e como arte constantemente se modifica; nos preocupamos com esta dança que respeite cada vez mais o potencial de cada indivíduo, onde cada um pode buscar sua própria linguagem corporal e que as experiências se tornem uma inesgotável fonte de conhecimento pessoal.

Então, como dançar? Dançar como um cristal, cheio de arestas...

7.3 O que dançar? Um passo a frente e tudo se modifica...

Desta última categoria refletimos ***o que dançar***. No mesmo sentido anterior, tentamos trazer as categorias possibilidades ínfimas de discussão, sendo que esta é apenas uma das maneiras interpretativas, é a nossa perspectiva, o que vemos da janela da nossa casa. O que dançar? Clássico, moderno, danças de salão..., Não é isto que nos interessa, e sim a experiência deste dançar. O que dançar ? Dançar o que desejar dançar, como desejar e porque deseja.

Seja para tentar viver como uma pessoa não deficiente, se integrar no mundo através da dança, lutar pela sua igualdade de capacidades, romper com barreiras e preconceitos, se relacionar com o mundo e consigo buscando possibilidades, enfim,

³ Corpo este que Merleau-Ponty explicou como sendo a percepção subjetiva de nossa instalação no mundo.

a experiência do que se dança nos mostrou também as possibilidades sócio-culturais da dança.

Estas possibilidade do fazer coletivo desvelou as ansiedades, os desejos, as necessidades que este grupo tem, e que no mínimo devemos respeitar, pois, cada grupo almeja seu espaço e não somos nós que permitimos: possibilidades se criam e se transformam pelas próprias necessidades. O que devemos é permitir-nos a pelo menos trocar experiências com este grupo que é tão rico em suas particularidades.

Convergimos aqui as unidades de significados: *viver como uma pessoa não deficiente, a integração pela dança, igualdade de capacidades, romper barreiras e preconceitos, a valorização da pessoa, dançar é estar-se relacionando consigo e com os outros e abrir o próprio espaço.*

Como é significativo mover o corpo e sentirmos que estamos vivos para receber a brisa que se movimenta no espaço. Perceber e sentir é algo que explora nossas potencialidades, adquirindo vida a cada gesto, a cada toque. Falar do corpo não é dizer o que a cabeça pensa, porém, muitas amarras nos pegam durante a vida, e somente desvencilhamos delas quando percebemos o corpo que somos, seja no outro ou em nos mesmos.

Movimentar é conquistar e explorar o meio no qual estamos, mas de repente se este corpo não se enxerga no espelho ou não vê o outro ele se torna "cego", pois o mundo é cheio de conquistas a serem realizadas com os olhos.

Será que não somos nós mais cegos e que não percebemos nem as nossas próprias limitações? José Saramago, em seu livro "Ensaio sobre a cegueira" (1995), nos faz parar e nos convida a fechar os olhos para então ver. Recuperar a lucidez

de se ter olhos para o afeto, para o desejo do outro. Existem sim os cegos que vêem, e existem os cegos que, vendo, não vêem.

"... costuma-se até dizer que não há cegueiras, mas cegos, quando a experiência dos tempos não tem feito outra coisa que dizer-nos que não há cegos, mas cegueiras." (Saramago, 1995, p. 308)

O corpo sofredor, agredido pelas barreiras sociais, culturais, políticas, educacionais, é diluído aos poucos daquilo que lhe era único, seu próprio corpo. Ele passa a ser obra daquilo que lhe oferecem, então deseja mostrar ao mundo que é capaz, capaz inclusive de dançar. Assim, existe o ser diferente e o possuir diferenças.

Nas descrições colhidas, pudemos perceber estas contradições, pois um corpo na condição de portador de deficiência visual, que vivencia a dança, pode experimentá-la como o ser diferente, vivenciando uma forma de viver *normal* como as outras pessoas não deficientes e mostrando que é capaz de fazer coisas que a sociedade pensa não ser possível ou pode possuir diferenças vivendo uma prática que promova um entrosamento e que rompa barreiras do próprio corpo em relação ao mundo interno e externo.

Os sujeitos se mostram quando expõem seus discursos, falam das suas condições, se revelam enquanto corpo-próprio e corpo-sujeito. Ao buscar a dança, procuram uma maneira de minimizar o ser diferente. Querem ter certeza de que podem dançar e que não está tudo tão isolado. Se a falta da visão lhes traz este distanciamento do mundo, é situando-se na dança que eles se localizam novamente enquanto corpo presente.

As nossas atitudes corporais ressoam como um repertório pessoal, e elas falam de nossos desejos, sonhos, fantasias que habitam nosso lar. Ser diferente é como não ser, possuir diferenças é realmente viver as diferenças.

Assim, ter consciência de interagir, de entrosar com o outro é poder apropriar-se novamente da identidade perdida. Um ganho que somente o sujeito pode trazer a si.

Romper com as barreiras do próprio corpo, com os medos, os tabus que vêm do exterior e do interior também, é recuperar a lucidez possibilitando um discurso interativo onde a multiplicidade desperta o ir-e-vir. Reapropriar o próprio corpo, compreendendo o mundo vivido, é experiência que abastece a existencialidade.

As pessoas que trabalham ou vivem junto a este grupo deve conhecer a si mesmo para então romper com a condição de ser apenas alguém que ajuda, para poder mover-se em direção de ser alguém que recebe e ajuda. Defrontar-se com uma pessoa que não vê e quer dançar, assim como deseja fazer inúmeras outras coisas, não é uma afronta e sim uma possibilidade a mais que nós temos de aprender.

Então, somando esforços dos dois lados, buscamos na vida um sentido: crescer a cada dia e melhorar nossa compreensão do mundo, viver cada um como sujeito de sua própria história, entender as diferenças e não querer que as igualdades prevaleçam. O que de mais belo podemos encontrar no outro são exatamente as nossas diferenças. Não deixemos que o corpo se exile na ignorância; sorrir, dançar, respirar..., cada um do seu jeito, ainda são coisas que movimentam a vida com o mesmo impulso de renascer a cada instante.

VIII - Conclusão

Podemos dizer que existem dois tipos de dançarinos: aqueles que conhecem e vivenciam a dança em suas vidas, das mais diversas maneiras, bem como, aqueles que ainda não a encontraram, mas que a possuem dentro de si e que simplesmente ela reflorescerá quando o desejo escondido se encontrar com a oportunidade.

Dançar nos faz perceber o instante, traz o ato criativo para nosso dia-a-dia, nos permite ver a vida com os olhos do corpo. Então, celebramos a dança que mergulha em busca da verdade e, como na filosofia, o principal é a busca. A procura da singularidade nos traz o original, e é isto que dá a sensação de paixão pela descoberta.

Ressalto, aqui, a análise ideográfica do sujeito nº 13 que percebe a dança como um processo que permeia as experiências do dia-a-dia e que rompe as barreiras internas e externas do seu corpo, abrindo espaço para as próprias possibilidades. Na dança, o importante é a consciência de um todo e ser autêntico com os próprios sentimentos. Dançar é viver e ouvir o seu querer, é interagir com o outro, é incorporar. Dançar não é apenas uma forma e sim uma busca da organicidade através do seu movimento.

Italo Calvino, em seu livro "Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas" (1990), reflete sobre a leveza e traz na literatura a sua função existencial. Nos apropriamos de sua reflexão para pensarmos na dança como função existencial, onde a leveza é algo incorporado. E como reação ao peso de viver, o peso da opressão, a leveza vislumbra sermos verdadeiramente coerentes, e sempre ser da própria existência.

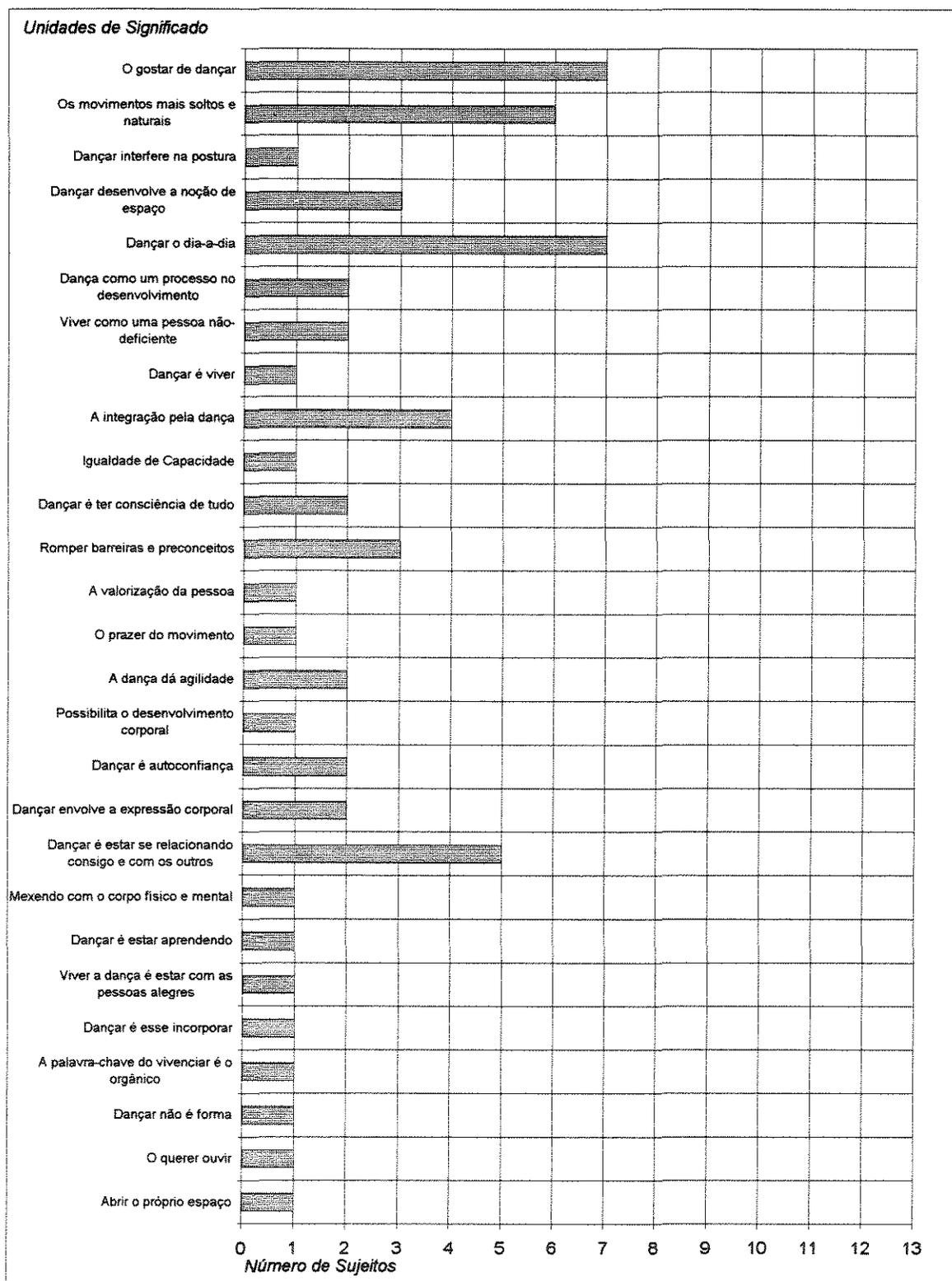
Então, chegamos ao fim de uma caminhada que busca um novo começo, pois deixamos aqui um pouco de nós e levamos muitas paixões. Como em um poema, um trabalho de ordem humana nunca é terminado, ele é "abandonado" para seguir seu caminho e então se encontrar com outros olhares.

Mergulhar no universo da pessoa portadora de deficiência visual que se encontrou com a dança, que vivenciou, descobriu, buscou no corpo a sua própria maneira de perceber a vida, nos fez realmente acreditar que a dança trilha caminhos diversos e que um deles é perceber e conceber a cidadania do corpo, onde as regras do jogo são compartilhadas e discutidas a partir dos desejos próprios de cada grupo, onde as soluções são respeitadas e os conflitos são existentes. Cada corpo tem o dever e o direito de escrever a sua própria história. Assim podemos cada vez mais nos respeitar, respeitar ao próximo e buscar na vida o tecer dos sentidos, em todos os sentidos.

*Eu sou uma apaixonada pela vida,
pela dança,
pela pessoa que procuro ser,
pela pessoa que é,
pela busca,
pelo mergulho,
pela graça divina de ser... dançarina...*

IX - ANEXOS

9.1 Gráfico de Convergências das Unidades de Significado



9.2 Fita Vídeo

Este trabalho está acompanhado de uma fita-vídeo VHS-NSTC de aproximadamente 10 min. Trata-se de diversas experiências vividas durante nosso processo de pesquisa.

As imagens dizem respeito a:

- Trabalho com crianças portadores de deficiência visual no instituto Gabriel Porto - UNICAMP, 1994.
- Alunos portadores de deficiência visual, participantes do projeto "Atividade Física e Esportes para Pessoas Portadoras de Deficiência", oferecido pelo Departamento de Atividade Motora Adaptada, FEF, UNICAMP, 1996
- Quadriilha realizada pelos professores e monitores do Departamento acima citado, 1995.
- Teste piloto realizado decorrente de uma disciplina do programa de pós-graduação do Instituto de Artes, UNICAMP, referente à adaptação da teoria de Rudolf Laban para alunos portadores de deficiência visual - disciplina: Prof^a. Dr^a. Monica Serra, 1995.
- II Mostra de Atividades Motoras, ocorrida dentro dos Jogos Especiais de Campinas, realizada pelo Departamento de Atividade Motora Adaptada, FEF, UNICAMP. Atividade criada pelas professoras: Valéria Maria Chaves de Figueiredo e Arabel Issa, 1996.

A fita encontra-se a disposição no Departamento de Atividade Motora Adaptada - FEF - UNICAMP, também no arquivo do Centro de Comunicação da UNICAMP, e com a autora deste trabalho, telefone (062) 223-2022, e-mail: vanfilho@netline.com.br (Goiânia, Goiás).

X - Bibliografia

- ACKERMAN, D. Uma história natural dos sentidos. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.
- ALMEIDA, J. J. G. de. Estratégias para a aprendizagem esportiva: uma abordagem pedagógica da atividade motora para cegos e deficientes visuais. Campinas, 1995. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1995.
- BAIOCCHI, M. Butoh: dança veredas d'alma. São Paulo: Palas Athenas, 1995.
- BERGE, Y. Viver o seu corpo: por uma pedagogia do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- BIELER, R. B. A questão da mulher portadora de deficiência no Brasil. Seminário sobre "A mulher e a Deficiência." Nações Unidas, Vienna, Áustria, 1990. (Xerox)
- BLOCK, M. E. Why all students with disabilities should be included in regular physical education. Palaestra, Illinois, v.10, n. 3, 1994.
- BOBATH, B. Atividade postural reflexa anormal, causada por lesões cerebrais. São Paulo: Manole, 1978.
- BOSI, A. Reflexões sobre a arte. São Paulo: Ática, 1991.
- BOUCIER, P. História da dança no ocidente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BRIKMAN, L. A linguagem do movimento corporal. São Paulo: Summus, 1989.
- CALVINO, I. Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAVALCANTI, C. Método Laban. São Paulo: [s.n.], [19....].

COORDENADORIA NACIONAL PARA INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA. Mídia e Deficiência: Manual de Estilo. Brasília: Ministério da Ação Social, 1992.

CUTSFORTH, T. D. O cego na escola e na sociedade: um estudo psicológico. São Paulo: Companhia Nacional de Educação dos Cego, 1969.

DUGGAR, M. P. What can dance be to someone who cannot see? Journal of Health, Physical Education, Recreation. Vol. 39, nº 5, may 1968.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário de Língua Portuguesa. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, J. B. De corpo e alma. O discurso da motricidade. São Paulo: Summus, 1991.

GÂNDARA, M. A. A expressão corporal do deficiente visual. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1992.

GARAUDY, R. Dançar a vida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GARCIA DE LA TORRE, J. M. Los ciegos somos así. Rio de Janeiro: Científico Médica, 1968.

GELB, M. O aprendizado do Corpo. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GOFFMAN, E. Estigma, nota sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GUEDES, C. M. Corpo: tradição, valores, possibilidades do desvelar. Campinas, 1995, Tese (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1995.

HALL, E. T. A dimensão oculta. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HUGONNIER-CLAYETTES, S. As deficiências visuais na criança: deficiências e readaptação. São Paulo: Manole, 1989.

HUSSERL, E. A Idéia da fenomenologia. Rio de Janeiro: Edições 70.

- LABAN, R. Domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978.
- LANGER, S. K. Sentimento e forma. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- MARTINS, J. Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poiesis. São Paulo: Cortez, 1992.
- MARTINS, J.; BICUDO, A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia. São Paulo: Moraes, 1989.
- MELO, C. P. Pessoas deficientes: alguma coisa que é preciso saber. São Paulo: Conselho Estadual para assunto da pessoa deficiente, 1986.
- MELO, H. F. de R. A cegueira trocada em miúdos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.
- _____. Referência visual: lições práticas de orientação e mobilidade. Campinas: Ed. da Unicamp, 1991.
- MENDES, M. G. A dança. São Paulo: Atica, 1985.
- MERLEAU-PONTY, M. Ciências do homem e fenomenologia. São Paulo: Saraiva, 1973.
- _____. A fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.
- MIRANDA, R. O movimento expressivo. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.
- MOREIRA, W. W. (org.) Corpo presente. Campinas: Papyrus, 1995.
- _____. et al. Educação Física e Esportes, perspectivas para o século XXI. Campinas: Papyrus, 1993.
- MORRISSON, S. B. B. Teaching rock and roll dancing to totally blind teenagers. The new outlook for the Blind. April, 1971, vol. 65, nº 4. (Xerox).
- MÜNSTER, M. A. Jogos e brinquedos adaptados a portadores de deficiência visual. Campinas, 1993. Monografia (Especialização em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1993.

- NABEIRO, M. Atividade física e o deficiente visual. In: SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA, 4., 1992, São Paulo, Anais, 1992. São Paulo: USP, 1992.
- NOVAES, A. et al. O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- OLIVIER, G. G. de F. Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade. Campinas, 1995. Tese (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1995.
- OSTROWER, F. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1987.
- PORTINARI, M. História da dança. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- ROCHA, H.; GONÇALVES, E. R. Ensaio sobre a problemática da cegueira, prevenção, recuperação e reabilitação. Belo Horizonte: Fundação Hilton Rocha, 1987.
- SACKS, O. Um antropólogo em Marte. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SALAZAR, A. La danza y el ballet. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- SARAMAGO, J. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SEVCENKO, N. Pós-modernidade. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.
- SHERRILL, C. Least restrictive environment and total inclusion philosophies: Critical Analysis. Palaestra, Illinois, v.10, n.3, 1994.
- STINSON, S. W. Uma pedagogia feminista para dança da criança. (Trad. Isabel S. Marquês) Sixth Dance and The child International Conference. Sidney, julho 1994. (Xerox).
- VALÉRY, P. A alma e a dança e outros diálogos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- VENÂNCIO, S. Educação Física para portadores do HIV. Campinas, 1994, Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Unicamp, 1994.